

# CCI

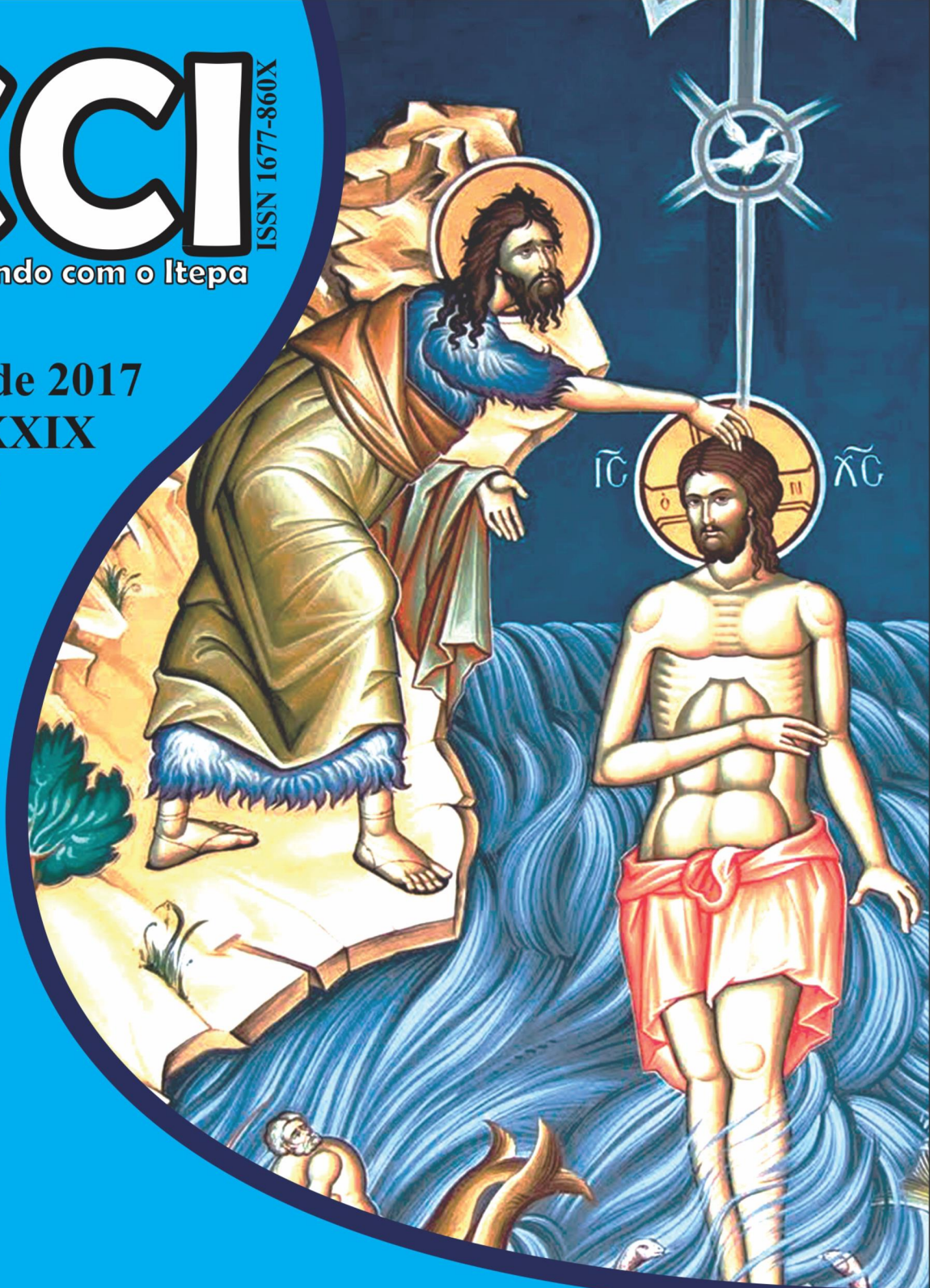
ISSN 1677-860X

Caminhando com o Itepa

Julho de 2017

Ano: XXIX

Nº 120



# Iniciação à Vida Cristã

# Iniciação à Vida Cristã



## Iniciação à Vida Cristã

**Revista CCI**

**Faculdade de Teologia e Ciências Humanas  
Itepa Faculdades**

**Imagem da Capa:** Autor Desconhecido.

**Fonte:** <<https://goo.gl/NALVPH>> Acesso em: 10/06/2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

C183

Caminhando com o Itepa , vol.1, n.1(1984-) / Instituto de Teologia e Pastoral. Passo Fundo: ITEPA ,1984-  
v. Ano XXIII- n°120, jul./ 2017.  
Semestral

ISSN:1677-860X

1.Teologia -Periódicos I. Instituto de Teologia e Pastoral-  
ITEPA

Catálogo na fonte: Bibliotecária Clarice Fonseca da Silva CRB  
10/2141

A revista *Caminhando Com o Itepa* é uma publicação semestral da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades, mantida pelo Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa, fundado em setembro de 1984. Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores e estão sujeitos à revisão.

©2017, CCI, Caminhando Com o Itepa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, arquivada em qualquer sistema ou transmitida, por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocopiado por outra qualquer) sem a prévia permissão por escrito dos diretores da Revista Caminhando Com o Itepa.

### **Diretoria do Itepa**

**Diretor Executivo:** Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

**Vice-Diretor Executivo:** Ms. Selina Maria Dal Moro

**Administrador – Tesoureiro:** Dr. Pe. Clair Favreto

**Secretário:** Ms. Pe. Jair Carlesso

### **Diretoria da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas**

#### **Itepa Faculdades**

**Diretor:** Ms. Pe. Ivanir Antônio Rodighero

**Secretaria:** Ana Lucia Alves de Oliveira

#### **Conselho Editorial:**

Dr. Dom Leomar Antônio Brustolin, Dr. Claudio Almir Dalbosco,

Dr. Frei Luis Carlos Susin, Dr. Pe. Ivanir Rampon,

Dr. Pe. Clair Favretto, Dr. Pe. Leo Konzen,

Dr. Pe. José André da Costa, Ms. Pe. Jair Carlesso,

Dra. Solange Maria Longhi

#### **Coordenação da Revista**

**Professora Referencial:** Ms. Selina Maria Dal Moro

**Professor Referencial:** Ms. Ari Antônio dos Reis

**Coordenador:** Felipe Fioravante Filippini

**Vice-Coordenadora:** Eulália Nunes

#### **Apoio técnico**

**Revisão:** Ms Selina Maria Dalmoro e Eulália Nunes

**Capa e Diagramação:** Felipe Fioravante Filippini

#### **Secretariado Geral**

**FACULDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ITEPA FACULDADES**

Revista Caminhando Com o Itepa – CCI

Rua Senador Pinheiro, 350

Vila Rodrigues, Passo Fundo – RS – CEP: 99070-220

Fone: (54) 3045 6272



## SUMÁRIO

<b>Editorial .....</b>	<b>9</b>
<b>De Novo A Questão Da Iniciação Cristã: Breves Considerações Teológico-Pastorais.....</b>	<b>13</b>
<i>Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes</i>	
<b>Catequese Nas Tessituras Da Iniciação à Vida Cristã.....</b>	<b>25</b>
<i>Adelmo dos Santos Junior</i>	
<b>O Querigma Cristão.....</b>	<b>41</b>
<i>Pe. Luiz Alves de Lima</i>	
<i>Paulo Stippe Schmitt</i>	
<b>Linhas De Formação Para Os Futuros Ministros De Catequese Segundo O Ritual De Iniciação Cristã De Adultos - RICA ....</b>	<b>63</b>
<i>Elilzo Marques de Oliveira</i>	
<i>João dos Santos Barbosa Neto</i>	
<b>A Iniciação Cristã A Partir De Jo 1,35-42 .....</b>	<b>77</b>
<i>Dr. Vanderlei de Oliveira Farias</i>	
<i>Pe. Wilton dos Santos Bento</i>	
<b>Senhor, Afasta-Te De Mim Porque Sou Pecador .....</b>	<b>89</b>
<i>Ana Maria Spannemberg</i>	
<i>Pe. Cassiano Alberto Pertile</i>	
<i>Pe. Ivanir Antonio Rodighero</i>	
<b>Um Homem Rico Que Se Torna Irmão: A Conversão Como Processo Catecumenal.....</b>	<b>101</b>
<i>Dr. Leo Zeno Konzen</i>	
<i>Pe. Joule Windson Cunha Santos</i>	
<i>Pe. Tiago André Guimarães</i>	





## EDITORIAL

Saudações em Cristo!

Prezado(a) leitor(a) da Revista Caminhando Com o Itepa. Apresentamos com grata satisfação este número da revista centrada na temática Iniciação à Vida Cristã. O documento das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, publicado em 2015, trata deste tema como uma das urgências na evangelização, sugerindo que a Igreja seja a casa da Iniciação à Vida Cristã. Afirma que é preciso ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo, fascinar-se por ele e optar por segui-lo (DGAE, 42).

O documento “Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários”, recentemente publicado, afirma que Iniciação à Vida Cristã significa ser iniciado na vida de Cristo, no modo de viver de Cristo. Conhecer e seguir seus passos. É um nascer, um conascer. Iniciar o modo de viver que desperta e reveste da vida nova, e a pessoa que dele vive, acompanha o iniciante em seu itinerário (Cf. CNBB 2015, 11). Tal assunto é pastoral e teológico. Os artigos que estão neste número da revista apresentam esta preocupação.

Antônio de Lisboa, a partir da sua missão de professor de teologia e pároco na periferia de São Paulo, apresenta no artigo, “de novo a questão da iniciação cristã: considerações teológicas pastorais”, algumas considerações sobre a Iniciação à Vida Cristã acentuando o desafio da renovação da comunidade diante desta missão superando o perigoso paradigma do “sempre foi assim” para aprofundar o processo de vivência da fé.

No artigo intitulado “catequese nas tessituras da Iniciação à Vida Cristã”, Adelmo dos Santos Junior reflete sobre o papel do introdutor no caminho de Iniciação à Vida Cristã a partir de três eixos, a saber: aspectos da realidade da catequese no contexto de mudanças na sociedade, na Igreja e na própria catequese; o primeiro tempo do processo, segundo o Ritual de Iniciação Cristã

de Adultos - RICA, ou seja, o pré-catecumenato ou anúncio do Querigma; o agente introdutor na comunidade cristã.

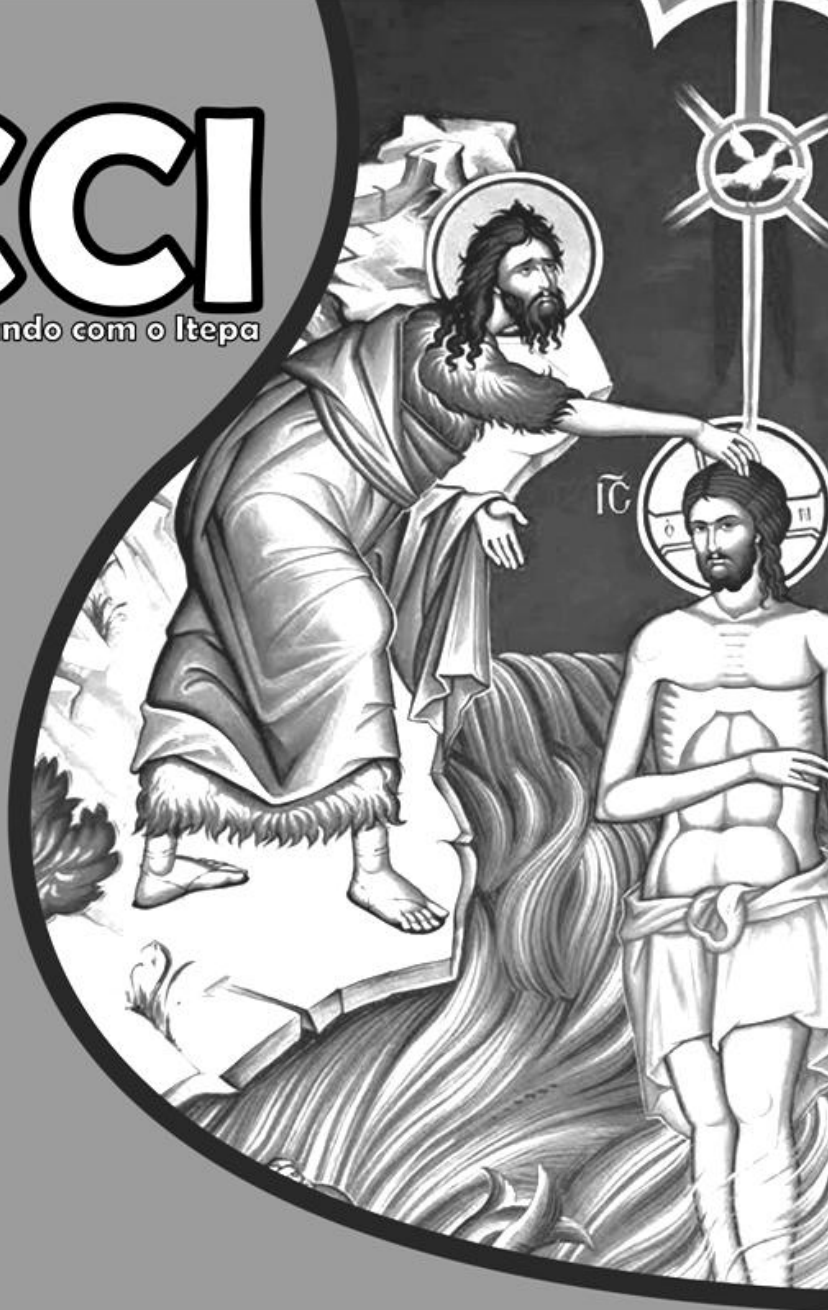
Aprofundando a reflexão sobre este tema necessário Luís Alves de Lima e Paulo Stippe Schimitt tratam a questão do Querigma sob o título “o Querigma cristão”. O anúncio central da fé cristã, que pela sua importância exige vigilância e sobriedade quanto às metodologias para que de fato ajudem a alcançar os interlocutores atuais e façam o anúncio pascal chegar a seus corações.

A caminhada catecumenal envolve agentes dispostos e preparados a contribuir na formação dos cristãos. Através do artigo “linhas de formação para os futuros ministros de catequese segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA”, os autores Elilzo Marques de Oliveira e João dos Santos Barbosa Neto apresentam uma proposta voltada à formação dos catequistas utilizando as linhas de formação do caminho catecumenal apresentado pelo RICA tendo como referência o ano litúrgico.

Os três artigos que seguem partem da reflexão sobre à iniciação cristã a partir de algumas referências bíblicas. Vanderlei de Oliveira Farias e Wilton dos Santos Bento refletem sobre o tema a partir do Evangelho de João 1,35-42, o primeiro chamado aos discípulos. Ana Maria Spanemberg, Cassiano Alberto Pertile e Ivanir Antonio Rodighero tratam, segundo o texto de Lucas 5,1-10, o chamado dos discípulos à missão a partir do cotidiano, como dinâmica natural do processo de iniciação cristã. No artigo intitulado: “Um homem rico que se torna irmão: conversão como processo catecumenal” de autoria de Leo Zeno Konzen, Joule Windson Cunha Santos e Tiago André Guimarães, segundo o texto bíblico de Lucas 19,1-10, a conversão de Zaqueu.

# CCI

Caminhando com o Itepa



## Iniciação à Vida Cristã



# DE NOVO A QUESTÃO DA INICIAÇÃO CRISTÃ: BREVES CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICO- PASTORAIS

*Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes<sup>1</sup>*

Quando vivemos em comunidade, corremos o risco de nos deixar absorver pelo cotidiano das vivências cúllicas, de tal modo que aparece aquilo que Max Weber denominou rotinização do carisma. Daí o fato de não poucas vezes cairmos naquilo que o Papa Francisco advertiu na *Evangelii Gaudium*: sempre foi assim. Ou seja, ainda que surjam interpelações, mesmo que as dificuldades no processo de vivência da fé sejam constantes, resiste-se à inovação, porque é mais fácil permanecer no pseudo-conforto do sempre foi assim. Para quê mudar se até onde estamos conseguiu-se levar do jeito que está?

Estas questões somam-se a um certo comodismo de uma prática pastoral conformada em garantir a manutenção e conservação daquilo que existe. Porém, isto é uma afronta ao dinamismo próprio do Espírito Santo, que é vento, sopra livre que alcança deliberadamente as realidades que bem lhe aprouver. Não querer movimentar-se para criar e recriar a vida de fé num esforço de corresponder aos apelos desafiadores do Espírito de Deus, pode ser um conformismo pecaminoso que demonstra a ausência da fé na força do alto.

Por que, então, abordar a questão da Iniciação Cristã de novo? O que motiva a Igreja, de forma recorrente, a se perguntar acerca dos processos iniciáticos da vivência da fé cristã? Evidentemente que estas são questões emergentes na vida de comunidade e que chamam a atenção para o fato de que a fé é dinâmica e que a vida da Igreja não é uma abstração, mas realidade

---

<sup>1</sup> Padre da arquidiocese de São Paulo, pároco da Paróquia São João Clímaco, professor de teologia do UNISAL. Mestre em Teologia Pastoral pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo.

historicamente situada, porque feita de homens e mulheres que estão sujeitos às vicissitudes históricas, aos êxitos e fracassos próprios da finitude e historicidade humanas. No “tempo que se chama hoje”, com maior força se impõe a necessidade que moveu as comunidades da Ásia Menor no cristianismo nascente e foi expresso na missiva petrina: o homem e a mulher de fé precisam ter condições de dar as razões da própria esperança (Cf. 1Pd 3,15).

## 1 QUEM CRÊ SABE DAR RAZÃO DO QUE CRÊ.

O círculo memorial originário da missiva de Pedro está inserido num ambiente de perseguição dos seguidores do caminho<sup>2</sup> no primeiro século da era cristã, que lidam com grandes dificuldades para testemunhar a fé no Cristo de Nazaré Ressuscitado, dentro de um contexto religioso eminentemente plural, onde a esperança é o elemento cativante das práxis cristãs (Cf. Bíblia do Peregrino, 2010). Homem e mulher, segundo o autor

---

<sup>2</sup> Nas Bíblias hebraicas e gregas, existem 519 menções do verbete **caminho**, sem levar em conta as 141 menções do plural **caminhos**. É uma terminologia recorrente na tradição judaico-cristã e pelos escritos de Lucas, sobretudo o livro dos Atos dos Apóstolos, aqueles que seguiam Jesus e se agregavam desde a experiência fundante da Ressurreição, pela abertura missionária itinerante, eram considerados como os *seguidores do caminho*. Pode se ler: "[...] Se e vá para o sul, pelo **caminho** que desce de Jerusalém para Gaza; é o **caminho** que se acha no deserto"(At 8,26); "[...] Continuando o **caminho**, chegaram a um lugar onde..."(At 8,36); "[...] que encontrasse seguindo o **Caminho**"(At 9,2); "[...] apareceu quando você vinha pelo **caminho**, me mandou aqui para que..."(At 9,17); "[...] lhes contou como Saulo no **caminho** tinha visto o Senhor..."(At 9,27); "[...] enquanto eles estavam a **caminho** e se aproximavam da cidade..."(At 10,9); "[...] Depois, Pedro saiu e se pôs a **caminho** para outro lugar"(At 12,17); "[...] nações seguissem o próprio **caminho**."(At 14,16); "[...] Deus Altíssimo e anunciam o **caminho** da salvação para vocês..."(At 16,17); "[...] Fora instruído no **Caminho** do Senhor e, com muito entusiasmo..."(At 18,25); "[...] precisão, lhe expuseram o **Caminho** de Deus"(At 18,26). "[...] incredulidade e falavam mal do **Caminho** diante da multidão [...]"(At 19,9); "[...] grave tumulto a respeito do **Caminho**..." (At 19,23). Cf. Bíblia Sagrada – Edição Pastoral [on-line]. Disponível em <www.paulus.com.br>. Acesso em 02.07.2017. Esta reflexão é aprofundada em COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

da referida carta, são interpelados pelo Cristo a viverem no lar a experiência da oração (1Pd 3,77), numa atitude de acolhimento e respeito recíprocos (1Pd 3,8), pois como herdeiros da bênção, são chamados a bendizer os outros (1Pd 3,9). É a esperança do reencontro com Cristo que anima o amor dos cristãos no dia-a-dia de sua história (1Pd 4,7-11).

Disto emerge um questionamento: como explicar que, no evento Jesus, Deus se fez presente? É a fé no Deus feito homem em Jesus que provoca na comunidade primitiva a necessidade do exercício da razão (Cf. OLIVEIRA, 56), para poder atuar missionariamente, ou seja, anunciar o evangelho aos gentios, que implicava em falar de Deus como “origem criadora de todo o real” (OLIVEIRA, 56). Este parece ser um reclamo importante da carta de Pedro. Assim, também por esta perspectiva, a missão implica numa racionalidade da práxis.

É no confronto com a realidade que a fé enuncia sua relevância para a vida e a história humanas e, neste sentido, é importante perguntar acerca da modalidade de confronto plausível. A humanidade herdou do pensamento ocidental, duas formas de aproximações da realidade. Esta pode ser vista a partir do físico (metafísico), como desenhou o pensamento grego; e a partir do evento (acontecimento), como engendrou a perspectiva judaico-cristã. Por isso, vê-se uma efetiva fusão de horizontes neste encontro (Cf. OLIVEIRA, 52). O que ocorre parece ser um processo de hibridização, que levanta a questão acerca de onde está localizado o pólo dominante.

Uma análise feita por Manfredo de Oliveira assevera que a grande contribuição do judaísmo é o rompimento com a estrutura cíclica, afirmando que a história caminha para frente. Ao mesmo tempo em que a contribuição do cristianismo é a apresentação de uma visão dos limites próprios da história, uma necessária distinção entre utopia e projeto histórico. Para o cristianismo, é fundamental a “fusão de horizontes”. A justaposição de horizontes não favorece uma efetiva comunicabilidade cultural e religiosa. Este encontro



explicita uma relacionalidade que se radica na experiência de fé, que não é o mesmo que a experiência religiosa. Ou seja, aquela está ligada ao Sagrado, ao passo que esta ao Transcendente – Deus. Como diz H. de Lima Vaz, “o religioso ou o Sagrado resulta da função simbolizante do homem nesse terreno que se estende entre o fascínio e o temor do que é incompreensível ou misterioso” (VAZ, 250).

De modo distinto, a experiência de Deus – que é experiência de fé – refere-se a uma experiência de um sentido radical. Como dizia Paul Tillich, é o sentir-se possuído por um absoluto incondicional que, para a fé Cristã, é Deus. No entanto, isto torna eminentemente plausível a pergunta sobre o último absoluto. No caso dos gregos é a natureza, enquanto para os cristãos é Deus. Ora, se Deus exerce plenamente sua soberania absoluta, a dinâmica interna do mundo não é mais contingente, senão necessária (Cf. OLIVEIRA, 58). Por isso, destacar que Deus tem soberania absoluta é desconsiderar o movimento da história. Destarte, a experiência de Deus penetra todas as dimensões da vida e transforma radicalmente o sentido da existência. É uma experiência particular que altera a totalidade.

As nossas comunidades católicas vivem estas exigências frequentes para os cristãos das primeiras horas: demonstrar a fé de modo razoável. Neste sentido, dado o fato de que os primeiros cristãos a partir do segundo século desenvolveram processos de inserção comunitária, a iniciação é uma tipologia vivencial do cristianismo de todos os tempos. As pessoas que eram atraídas pelas experiências crentes do povo do Caminho, sendo inicialmente acolhidas, passavam a vivenciar gradualmente esta fé para progredir no entendimento e qualificar a proximidade e vivência com o Mistério presente.

## **2 FÉ, MISTÉRIO E MISTAGOGIA**

O nome já reclama esclarecimento. Mistério é algo que antecede e supera a própria experiência humana. Deus é Mistério que se comunica trinitariamente e historicamente Revelou-se em toda a sua inteireza no Homem Jesus, o Verbo Eterno Encarnado. Este Homem viveu a vida humana de um modo tão perfeito que só Deus poderia viver, mas assim mesmo, enquanto tal, viveu as vicissitudes históricas típicas desta natureza, sofreu e morreu. Mas Deus O ressuscitou e, como Vencedor, apareceu aos apavorados discípulos, suscitando neles a fé inabalável no Deus da Vida. Isto é Mistério que se acolhe na fé, progride no entendimento e se assimila na vivência litúrgica, para permanentemente reverenciar e caminhar com os “olhos fixos” no autor e consumidor de nossa fé (Cf. Hb 12,2).

O cristianismo moveu-se historicamente; sobreviveu às perseguições, caminhando com o sangue de numerosos mártires desta mesma fé, até que viveu a cristandade e tornou-se experiência comum para a sociedade vigente, deixando de lado por muito tempo os preciosos processos introdutórios que tanto ajudaram na solidificação da fé dos primeiros tempos. Mas a história avança, viveu-se períodos de mudanças e agora parece que a configuração dos tecidos sócio-históricos é tão gigante que as visões de mundo vão sendo alteradas a ponto de aceder-se a uma verdadeira “mudança de época”. E aqui aparece novamente o questionamento: por quê ser cristão? Por quê ir à Igreja? Como afirmaram os bispos na introdução do Documento 107 sobre esta temática, de nada adiante tentar apresentar respostas se não se escutou efetivamente quais são as perguntas (Cf. CNBB 107, n. 03).

Devido às características de desenraizamento em que vivem as pessoas desta época atual e a flutuação das relações humanas e sociais, assistimos a um processo tipificado de enfraquecimento das instituições tradicionais, entre elas as religiosas. Por isso, a leitura pastoral apresentada pelos sucessores

dos apóstolos da Igreja no Brasil traz à tona a necessidade de buscar uma avaliação dos processos de transmissão da fé acompanhada de um movimento consciente de conversão e aprendizagem pastoral (Cf. CNBB 107, 01s).

Também nós Igreja no Brasil fomos “encharcados” da *rotinização do carisma* e nos deixamos levar pela tentação do *sempre foi assim*. A transmissão da fé em nossas igrejas segue um roteiro compartimentado e de algum modo distante daquilo que seria um introito dinâmico ao mistério. Não se encontra facilmente nas práticas catequéticas de nossas comunidades um processo de mistagogia, ou seja, de condução para o mistério, de esforço para atrair e facilitar a adesão ao Mistério Salvador do Cristo. Por isso, desafiados pela mudança de época e bem influenciados pelos desenraizamentos, extraterritorializações e liquefazimento das relações humanas e sociais, os cristãos carecem hoje de uma efetiva conversão pastoral para reaprender a fé e consolidar uma pedagogia pastoral evangelizadora que alcance propriamente os corações humanos e os aproxime vigorosamente do Coração do Mestre Jesus.

Em várias celebrações nas comunidades católicas canta-se: *irmão, é bom se encontrar, é bom começar sempre novo! Irmão é bom repensar...* Será que isto é entoado conscientemente? Se é, dá para ver pelas práticas comunitárias que a dinâmica do encontro e reflexão fraterna ocorrem amiúde? Pois bem, é isto que emerge nas reflexões dos pastores católicos do Brasil em nossos tempos. Contemplando um dos mais belos encontros de Cristo, aquele com a Samaritana, pode-se ali encontrar uma referência para este processo que poderá ajudar na avaliação, na conversão e na aprendizagem.

Não existem receitas, a vida é dinâmica e como vivemos a interação da fé com a vida, as nossas experiências de fé são também dinâmicas e devem ser sentidas como tais. O encontro é uma dinâmica que se constitui em emblema paradigmático das práxis de Jesus. Ele se revela no Encontro do Divino com o

Humano e demonstra isso em forma bem concreta nas aproximações que ele vive com as pessoas e grupos e nas influências que exerce sobre a vida destes que encontra. É a mística do encontro que poderá ajudar as comunidades a reencontrar o caminho processual e dinâmico da Iniciação à Vida Cristã. Se a Igreja é a Casa de Deus e dos seus filhos que somos todos nós, então ela é a Casa da Iniciação Cristã. E se é casa, não é quarto, nem sala, nem porta, nem janela apenas, mas toda ela. De modo que não será somente nos momentos iniciais de inserção no mistério, mas em toda a vida de fé será necessário renovar o vigor do primeiro amor, para não esquecê-lo (Cf. Ap 2,4).

Não se pode perder de vista, seguindo o quadro do encontro de Jesus com a Samaritana, que Ele lhe pede de beber (Cf. Jo 4,7). É o próprio Senhor quem toma a iniciativa de se mostrar, de se revelar, de demonstrar a sede que Deus tem de nossa humanidade, de encontrar-se conosco. E, a partir daí começa o tão necessário diálogo. Deus quer conversar conosco. É Ele quem “puxa conversa” com a humanidade. E nisto se vê um verdadeiro encontro da graça divina com a carência humana: “Se conhecesses...” (Jo 4,10). Se não houver encontro, se a humanidade não se deixar encontrar por Deus, não avançará no conhecimento Dele. Só haverá progresso catequético se houver encontro e diálogo, o que não é resolvido apenas pela sobreposição de ensinamentos, mas será na vivência, no culto, na liturgia, que sobremaneira se experimentará Aquele que quer se fazer encontrar, que se revelou em Jesus e Nele tornou-se tangível, submeteu-se aos nossos sentidos para nos alimentar.

“Quem beber da Água que eu lhe darei, nunca mais terá sede” (Jo 4,14). Aqui está o segredo. Aquela mulher carregava em seu profundo o desejo de encontrar sentido para sua existência; buscara em tantos poços, mas sempre voltava a sentir a mesma sede. Ela tinha sede de infinito e só Deus pôde saciá-la. Assim é também nas nossas vivências comunitárias. Somos Igreja porque encontramos Deus ali. A Igreja é o espaço e tempo que nos

propicia este processo mistagógico. No entanto, ela precisa ser isto concreta e vivencialmente. Tem sido? Por que será que as pessoas têm vivenciado os sacramentos em modo sazonal e acentuam tanto uma fé sem pertencimento? Por que os nossos grupos de pastorais, movimentos e as nossas comunidades, repetem estagnadamente as etapas catequéticas e não dinamizam processos, não criam vivências, não mistagogizam?

É preciso mudança de vida. É preciso conversão. Ora, a aliança com Deus é muitas vezes simbolizada pelo casamento. Assim, os “maridos” podem representar aspectos desviados (idolatrias) da religião praticada na Samaria. Isso faria parte da história de um povo que se distanciou de seu Deus, mas que, mesmo assim, busca-o com sinceridade. Os muitos ídolos não saciaram e o povo voltou a “ter sede”. Jesus apareceu na história daquela mulher/povo, como a nova fonte, fonte de uma nova água. E ele vai revelar o verdadeiro “marido” e, como consequência, a verdadeira adoração em espírito e verdade. Tudo em vista de uma nova vida. (CNBB 107, 26).

### **3 É A COMUNIDADE QUE É DESAFIADA.**

Os questionamentos nos desafiam a buscar respostas comunitariamente. É este o esforço dos bispos do Brasil em mover todas as Igrejas particulares num esforço coletivo de reassumir o caráter mistagógico da Iniciação Cristã. Como já dito, não existem receitas, trata-se de abrir-se para a avaliação, reconhecer os limites relacionados a isto e que obstaculizam e impedem o vigor da mistagogia, deixar-se interpelar pelo Espírito de Deus que está sempre soprando sobre Sua Igreja vigorosamente. Dá para nos perguntar mutuamente, buscar conjuntamente, aprender uns com os outros. São tantas as experiências e algumas bem frutuosas na inspiração catecumenal. É preciso querer aprender, esforçar-se por buscar e abrir-se para partilhar.

É assim que nos interpelam os bispos:

A inspiração catecumenal que propomos é uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no

mistério do amor de Deus. Um itinerário mistagógico, um desejo que nunca acaba. Porque Deus, sendo Amor, nunca se esgota. A mística é a entrada nesse movimento de busca de Deus, que para a fé cristã, concretiza-se no encontro com o outro. E “cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus” (CNBB 107, 56).

Catecúmenos somos todos os que caminhamos na fé tentando acertar o passo na estrada de Jesus. Somos todos discípulos missionários, alguns com mais idade, outros com menos, muitos jovens, adolescentes, tantas e tantas crianças. Há quem precise fortalecer a vivência, há quem esteja desanimado e precise reaquecer o coração e visitar a própria pia batismal para reaprender e, também, há tantos que ainda não conheceram a alegre notícia de Deus que é Jesus. Portanto, toda a vida da Igreja precisa ser mistagogia, precisa ter inspiração catecumenal. Precisamos encontrar os caminhos adequados para garantir e consolidar o dinamismo desta vivência.

O primeiro anúncio abriu caminhos para uma adesão que gerou vida nova de discípulos. O que se iniciara por uma experiência pessoal e individual, desdobrou-se em vivência de comunidade de fé. São eles, os samaritanos, a dizer à mulher: “...este é verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4,42). Ela lhes havia apresentado Jesus. A comunidade ajudou-a a reconhecer o Salvador do mundo. Aconteceu uma bela experiência de fé partilhada. (CNBB 107, 36).

Quando encontra efetivamente o Senhor e compreende quem Ele é, a Samaritana desconsidera o cântaro que tinha na mão e se converte ela própria em anunciadora daquilo que buscara e encontrou. Assim também todos somos chamados a ser. Não é só o catequista que tem a responsabilidade de educar na fé, não são apenas os pais, mas toda a comunidade é convocada a propiciar o caminho mistagógico da fé, todos somos chamados a anunciar, principalmente, com a própria vida, dando testemunho daquilo que aprendemos na intimidade com o Senhor. Se Ele se revela a nós não é para que o retenhamos conosco, mas para que o partilhemos

com os demais. A alegria do encontro não dá para segurar, porque ela transborda e sempre derrama para fora de nós mesmos através do nosso testemunho.

‘Como Jesus no poço de Sicar, também a Igreja sente que se deve sentar ao lado dos homens e mulheres deste tempo, para tornar presente o Senhor na sua vida, para que o possam encontrar, porque só o seu espírito é água que dá a vida verdadeira. Nesse sentido, é que entendemos que um processo consistente de Iniciação à Vida Cristã é indispensável ao tipo de missão que os novos interlocutores de hoje estão pedindo à nossa Igreja (CNBB 107, 38).

Se a Igreja vive uma nova época, significa dizer também que esta mudança traz consigo também novos interlocutores. É preciso que esteja atenta ao que eles solicitam. Se os vínculos são extraterritorializados e os fiéis movem-se mais por afinidades do que por determinação geográfica, por que, então, não se levar em conta a ênfase dada nos vínculos relacionais, mais do que nos comprovantes de residência? Se a comoção do coração é fator tão importante para as gerações contemporâneas, por que insistir num frio racionalismo que se esquece que no caminho de Emaús os dois caminheiros sentiram seus corações arder ao ouvi-Lo falar das escrituras? Não caminhamos às cegas, precisamos saber aprender de modo diversificado.

Num momento de crise, como este do mundo em mudança, somos profundamente questionados. O próprio Senhor nos retira da nossa acomodação e nos chama a responder a esse novo desafio. O evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. O que mudou foram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e angústias dos homens e mulheres de hoje. Jesus nos convida a sair, a escutar, a servir, num movimento de transformação missionária de nossa Igreja. Essa atitude exige estarmos atentos aos sinais dos tempos. O processo é de escuta e atenção aos clamores do povo. Voltando-nos assim para a “Samaria” dos nossos dias, como fez Jesus, abrem-se novos espaços, livres, críticos, comunitários e fraternos, onde a fé cristã pode emergir, com uma renovada pertinência, na busca de mais humanidade e de melhor qualidade de vida, com um profetismo

especial, que responda às necessidades da nossa realidade (CNBB 107, 51).

Não dá para engessar a experiência sem correr o risco de pretender prescindir do Espírito que tanto sopra novidades. A larga e vasta experiência eclesial é boa companheira nas vivências comunitárias hodiernas, pois o passado pode nos impulsionar a buscar permanentemente caminhos novos “para que cheguemos a viver, com autenticidade e zelo ardente, o seguimento de Jesus, a partilhar com Ele a missão de fazer acontecer o Reino no mundo de hoje” (CNBB 107, 39). A Igreja não pode fechar-se às demandas de novos processos para a transmissão da fé que o mundo em mudança apresenta para o discípulo missionário (Cf. CNBB 107, 46).

Deste modo, é imprescindível garantir o anúncio do essencial da fé que é o *Querigma*, proclamação do Deus Trindade que Jesus nos revela. Enviado do Pai Ele nos mostrou o amor gratuito e desinteressado de Deus que se entregou na Cruz para nossa Salvação e permanece conosco com o Seu Espírito, nos dando ânimo, vigor, luz e liberdade para permanentemente vivermos o Evangelho (Cf. CNBB 107, 59). Tudo isto encontra lugar sobremaneira nas celebrações litúrgicas e nas vivências dos sacramentos. Por estas práticas é que podemos ser conduzidos para o interior da vida de Deus, para dentro do Seu Divino Mistério, pois a mistagogia significa isto, “uma progressiva introdução no mistério pascal de Cristo, vivido na experiência comunitária” (CNBB 107, 60).

Como nos animam os pastores:

A Iniciação à Vida Cristã é uma *urgência* que precisa ser assumida com decisão, coragem e criatividade. Ela renova a vida comunitária e desperta seu caráter missionário. Isso requer novas atitudes evangelizadoras e pastorais. Para a Igreja impõe-se a tarefa irrenunciável de oferecer uma modalidade operativa de iniciação cristã que, além de marcar *o quê*, também dê elementos para *o quem*, *o como* e *o onde* se realiza. Dessa forma,



assumiremos o desafio de uma nova evangelização, à qual temos sido reiteradamente convocados (CNBB 107, 69).

É imperativo, portanto, uma efetiva práxis eclesial vivida com inspiração catecumenal, pois poderá ser assim que a Igreja reforçará seu caráter essencial de Casa da Iniciação Cristã, espaço e tempo onde os discípulos missionários vivenciam a fé no acolhimento, no aprofundamento e na animação da fé. Sabendo que tudo se encaminha para a Eucaristia, origem, caminho e finalidade da vida eclesial. É Nela que nos tornamos um com o Pai, no Filho, sob o impulso do Espírito Santo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblia Sagrada – Edição Pastoral [on-line]. Disponível em [www.paulus.com.br](http://www.paulus.com.br)

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2010

DOCUMENTOS DA CNBB 107. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições Cnbb, 2017

COMBLIN, José. *O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2004.

LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de Filosofia*. Problemas de Fronteira. São Paulo: Loyola, 1986, pp. 241-256.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo, Paulinas, 2000, pp. 51-73

# CATEQUESE NAS TESSITURAS DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ<sup>1</sup>

*Adelmo dos Santos Junior<sup>2</sup>*

## INTRODUÇÃO

O processo de Iniciação à Vida Cristã proposto pela Igreja no Brasil apresenta um itinerário para a introdução no mistério de Cristo e da Igreja. A inspiração catecumenal desse caminho, pretende conduzir cada pessoa, na comunidade, à mesma experiência de salvação vivenciada pelos apóstolos e por Maria na comunhão com o mistério pascal de Jesus Cristo, conforme relatado em Atos dos Apóstolos.

Para esse propósito, a vivência dos processos de transmissão da fé nos primeiros séculos da Igreja é iluminadora. Ela se traduz no mergulho pessoal de cada candidato no mistério de configuração a Jesus Cristo, por meio da Igreja. A partir dessa compreensão, a catequese se renova para atender à eclesiologia do Concílio Vaticano II, de uma Igreja que se aperfeiçoa em suas ações em vista da vida em comunhão.

Conforme o estudo 97 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a iniciação à vida em Cristo deve conduzir à conversão pessoal e a uma real participação no compromisso de transformação comunitária e social, onde o amor seja assumido num itinerário de (re)encontro e no retorno à casa do Pai.

Para tal, busca-se inspiração na dinâmica do encontro, da celebração, de uma evangelização querigmática viva, cheia da força do Espírito Santo. Dessa forma, supera-se o entendimento de

---

<sup>1</sup> Esse artigo foi orientado pelo Pe. Ms. Antonio Marcos Depizzoli, assessor nacional da animação bíblico-catequética.

<sup>2</sup> Catequista, assessor de formação da catequese na Arquidiocese de Aracaju-SE, bacharelado em Direito e Letras/Português.

Email: <adelmo96@hotmail.com>.

catequese que prepara apenas para a recepção dos sacramentos, sem a eficácia do mistério pascal na vida daqueles que dela participam. Mergulhados em Cristo, os agentes da Iniciação à Vida Cristã são sujeitos especiais na missão evangelizadora da Igreja.

Esse artigo reflete sobre o processo iniciático cristão, destacando o ministério do introdutor e da catequese na comunidade dos seguidores de Jesus Cristo. Para tanto, ele organiza-se em três eixos: inicialmente apresenta aspectos da realidade da catequese no contexto de mudanças na sociedade, na Igreja e na própria catequese. Em seguida, destaca-se o primeiro tempo do processo, segundo o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - RICA, o Pré-catecumenato ou anúncio do Querigma. Por fim, traz uma reflexão sobre o agente introdutor na comunidade cristã, seguida das considerações finais.

## **1 CATEQUESE E A PROMOÇÃO DA CULTURA DO ENCONTRO**

Vivemos um momento histórico-social em que o chamado “fenômeno da globalização” afeta nossas vidas. São mudanças que se fazem notar na cultura, na economia, na política, e também na religião (DAp, 2007, p. 27 et seq.).

Uma das características desse fenômeno está na “aparição” da tecnologia, sobretudo, as redes sociais, que influenciam os seres humanos. Redimensionam o sentido da convivência fraterna, desafiando a construção da “cultura do encontro”, tão incentivada pelo Papa Francisco, nos nossos dias. Ele analisa que “[...] as pessoas cruzam-se, mas não se encontram. [...] Olha, mas não vê; ouve, mas não escuta”<sup>3</sup>. É a ideia de que a “ausência” física pode ser suprida pela “presença” virtual, resultando numa experiência que pode ser descrita na imagem do “estar de corpo presente”.

---

<sup>3</sup>Fala do Papa Francisco para a Rádio Vaticano:

<[http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/\\_Papa\\_trabalhar\\_pela\\_cultura\\_do\\_encontro/1257744](http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/_Papa_trabalhar_pela_cultura_do_encontro/1257744)>

A celeridade com que as pessoas passam a ver e saber das informações enfraquece a capacidade de veracidade na comunicação. A verdade passou a ser informada, de modo que hoje não se pode “confiar na primeira palavra”, tendo em vista a transmissão distorcida na fala de outrem, pois, a ansiedade da busca desemboca em um imediatismo exacerbado. É a “retro-alimentação da informação” (DAp. 2007, p. 29). Isso provoca o desenvolvimento de uma crença vazia, uma vez que a sociedade, que coordena suas atividades só mediante múltiplas informações, passa a acreditar que pode agir como se Deus não existisse (Ibidem, 2007, p. 41).

Dessa forma, por conta da realidade atual, faz-se necessário uma reavaliação da maneira como a comunidade cristã pode lidar com os desafios colocados pela mudança de época.

### 1.1 TRANSMISSÃO DA FÉ NA MUDANÇA DE ÉPOCA

Segundo o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe (2007, p. 32), vivemos uma mudança de época que afeta profundamente a cultura. O bem comum foi substituído pelo individualismo excessivo; a coletividade, com o seu direito de todos, passou a ser vista e fragmentada pelo e para os desejos subjetivos e individuais; abriram-se exceções para conceber privilégios e direitos a poucos, enquanto outros ficaram esquecidos.

Esse processo cultural promove a indiferença nas relações humanas. O amanhã não mais é planejado, preferindo-se viver o dia-a-dia na efêmera relação afetiva e de consumo. Amedrontados, ficamos ainda mais expostos à crescente “espiritualidade individualista” (DAp. 2007, p.55). Isso vai instalando na Igreja, bem como na catequese, uma conveniente predileção pelo “mais d’eu” e “menos Deus”.

Há confusão de papéis sociais e humanos causados pela relativização da pessoa. O fenômeno dos que dizem ter uma

religião, mas não a praticam, os “não-praticantes”, cresceu sem precedentes. A falta de compromisso na vivência da fé provoca mudanças no relacionamento com Deus. Consequência disso são o pluralismo e o indiferentismo religioso dos tempos atuais.

É bem verdade que as crises de fé oferecem um norte para a atuação missionária da Igreja. Num contexto de crise, o salmista busca seu significado na purificação do povo em meio à provação.

Sim ó Deus, tu nos provastes, nos refinastes como se refina a prata; fizeste-nos cair na rede, puseste um peso em nossos rins: deixaste um mortal cavalgar nossas cabeças; passamos pelo fogo e pela água, mas fizeste-nos sair para a abundância (Sl 66,10-12).

Com o verbo “refinar”, o salmista nos permite compreender as etapas em que ocorre a depuração da prata. Dentro dessa feitura, o ápice da sua constituição está no “acrisolamento” – tirar as impurezas da prata. A crise de fé, portanto, pode ser oportunidade de purificação do cristão por meio de um processo gradual e permanente de maturação.

As frequentes dúvidas sobre o caminho a ser seguido pelos indivíduos, nesse mundo globalizado, suscitam a necessidade de encontrar respostas que deem sentido à existência. Os discípulos missionários são convidados a ser acompanhantes dos primeiros passos de quem se aproxima para o encontro com a fonte que faz jorrar água viva (Jo 4,14c).

Dessa maneira, como seguidores de Jesus Cristo, precisamos entender os “sinais dos tempos” (DAP 2007, p. 27). O perfil de discípulos missionários que somos chamados a assumir é o mesmo suscitado pelo Espírito Santo e registrado por São Lucas nos relatos iniciais dos Atos dos Apóstolos: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até nos confins da terra” (At 1,8). A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal é o caminho proposto pela Igreja para nosso tempo.

## **2 URGÊNCIA DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ NA CONTEMPORANEIDADE**

Em meio aos diversos desafios enfrentados pela evangelização, urge a implementação da catequese com “inspiração catecumenal”<sup>4</sup> na Igreja do século presente. Na compreensão de Renato Quezini:

Restaurar o catecumenato não é simplesmente retomar algo do passado, mas resgatar a pedagogia da fé como nos primeiros séculos da Igreja, em que não se administravam os sacramentos como ritos mágicos, mas abriam-se, lentamente, por meio de graus sucessivos, à fonte de formação e de vida que é a celebração dos sacramentos (QUEZINI, 2013, p.11).

Dar passos nessa direção implica em inspirar-se nas premissas colocadas no princípio, à procura pela liberdade anunciada na salvação que parte de Cristo e para Cristo, sendo Ele o centro de toda ação catequizadora da Igreja.

O estilo da catequese anterior ao proposto pelo resgate da inspiração catecumenal na Iniciação à Vida Cristã, requer uma reestruturação ativa a partir do empenho e articulação de toda comunidade.

As orientações atuais propõem uma catequese iniciática com “eixos norteadores”, dentre os quais está a centralidade de Cristo (cristocêntrismo), revelado na Sagrada Escritura e na Sagrada Tradição da Igreja (Cf. *Ibidem*, 2006), constituindo assim, um só sagrado depósito da Palavra de Deus confiado à Igreja (Cf. *Dei Verbum*, 1966)<sup>5</sup>; catequese orante e celebrativa; interação entre fé e vida que aproximam a “educação da fé, ligada mais à vida da comunidade, aos problemas sociais e à cultura popular” (DNC,

---

<sup>4</sup> “[...] Processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis [...]. [...] Refletindo com os catecúmenos (leia-se não batizados) sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão [...]” (RICA 1973, p. 32).

<sup>5</sup>Constituição *Dei Verbum*. In: Documentos do Concílio Vaticano II - constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

2006). “[...] aquilo que se anuncia é o que se celebra e se vive” (SILVA JUNIOR, 2015, p. 195).

Paralelo a isso, destaca-se a importância da leitura orante da Sagrada Escritura; a comunhão na reflexão e na missão entre catequese-liturgia; o acolhimento do RICA, nos processos de iniciação, pelos sacerdotes, e comissões de Iniciação à Vida Cristã<sup>6</sup>.

Com isso, a Iniciação à Vida Cristã encara grandes desafios, a começar pelo perfil dos agentes, em quem, muitas vezes, falta uma linguagem catequética adequada para aproximar-se das diversas realidades existentes, com o intuito de construir unidade em meio à diversidade.

A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã tem importante missão na inserção das pessoas na vida da comunidade. A inspiração catecumenal aponta, ainda, para o enfrentamento do panorama histórico-social por meio do anúncio querigmático. Por conseguinte, o agente específico desse anúncio também ocupa, junto ao catequista, um lugar especial no itinerário para formar discípulos missionários que buscam viver em Cristo.

## 2.1 O TEMPO DO PRIMEIRO ANÚNCIO NA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

Conforme publicado no blog do catequista João Melo<sup>7</sup>, que trata de assuntos referentes à catequese de Iniciação à Vida Cristã, a etimologia da palavra “iniciação”, do latim, produz o sentido de “ir para dentro” (*in-ire*); ingressar em algo, em um mistério que encaminha para uma conversão de mentalidade (Rm 12,2c) e, conseqüentemente, leva a um estado de mudança de vida efetivo.

Desta forma, a Iniciação à Vida Cristã contempla a inserção num caminho de fé e conversão das pessoas que procuram

---

<sup>6</sup>Constituída por membros da comunidade, leigos, presbíteros, diáconos, consagrados, para reflexão e implantação da catequese de Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal.

<sup>7</sup>Filósofo, com especialização em catequese, atua na formação pastoral ligada a Iniciação à Vida Cristã.

estabelecer um relacionamento com o Deus vivo<sup>8</sup> nas diversas situações da mudança de época. Nessa dinâmica, deparamo-nos com diferentes realidades de simpatizantes do processo: os que não foram evangelizados e não receberam os sacramentos, conhecidos como não batizados, ou não iniciados (catecúmenos); e, os que não foram evangelizados, contudo, receberam o batismo, todavia, ainda lhes faltam o Crisma e/ou a Eucaristia (catequizandos).

Por esse motivo, a Igreja Católica propõe um caminho específico, cumprindo dessa maneira um ritual próprio da catequese inspirada no catecumenato antigo, compondo uma união harmônica entre a catequese e as celebrações litúrgicas. Essa proposta se encontra no RICA que ratifica uma inspiração baseada nas experiências cristãs, particularmente dos séculos III a V, o catecumenato. Há possibilidades de adequações desse processo às diversas realidades locais.

Todo processo requer uma dinâmica<sup>9</sup> sistematizada em um termo coerente e de profundo significado: “Itinerário Catequético”. Consiste esse em um caminho progressivo e gradual de amadurecimento da fé, que possui uma estrutura de quatro tempos<sup>10</sup>: o Pré-Catecumenato<sup>11</sup>, o Catecumenato<sup>12</sup>, a Purificação e Iluminação<sup>13</sup>, e a Mistagogia<sup>14</sup>, somado a três etapas ou “grandes celebrações”<sup>15</sup>, destinadas a intercalar e efetivar a passagem de um

---

<sup>8</sup>Cf. RICA. Observações preliminares, n.1.

<sup>9</sup>Do grego *dinamikós*, referente a força.

<sup>10</sup>Períodos em que se aprofunda uma experiência por meio da evangelização e formação na e com a vida.

<sup>11</sup>“[...] tempo dedicado à primeira evangelização” (Cf. CARVALHO. 2015, p. 59).

<sup>12</sup> “O catecumenato é o tempo do aprofundamento da fé, do processo de conversão, da participação ativa na comunidade, [...] período mais longo de todo o processo de iniciação” (Cf. CARVALHO, 2015, p. 60).

<sup>13</sup> “O tempo de purificação e iluminação é um período breve, porém de intensa e profunda preparação espiritual” (CARVALHO, 2015, p. 61).

<sup>14</sup> “É, sem dúvida, o prolongamento da experiência espiritual vivida pelos iniciados” (CARVALHO. 2015,p. 62).

<sup>15</sup>São celebrações que unem a liturgia com a catequese, marcando por meio da celebração e ritos que firmem a experiência que o tempo que passou concedeu,



tempo para o outro: a Celebração de Entrada; a Celebração da Eleição; e, a Celebração dos Sacramentos. Desse vasto horizonte do despertar da fé, passamos a considerar e refletir sobre aspectos do primeiro tempo, Pré-Catecumenato ou Querigma.

## 2.2 O ANÚNCIO DO QUERIGMA

Esse tempo é caracterizado pelo primeiro anúncio da pessoa de Jesus, o Cristo. Diante de um encontro atraente e envolvente, “aqueles que, embora ainda não creiam plenamente, demonstram uma inclinação pela fé” (RICA, p. 36), procuram uma mudança de vida no encontro com Deus amor, que revelado no Filho, desperta uma fé inicial capaz de simpatizá-los por Jesus (QUEZINI, 2013, p. 36-37).

De acordo com Ormonde (apud QUEZINI, 2013), o RICA nos apresenta três objetivos do tempo do Pré-Catecumenato: “adesão a Jesus Cristo, conversão de vida e sensibilidade eclesial”. O primeiro quer tratar de um encontro com aquele que é caminho, verdade e vida (Jo 14,6a); o segundo, desperta na pessoa um desejo suscitado pelo encontro, o de ser chamada do pecado para o mistério do amor (RICA, p. 35); enquanto o terceiro, causa no simpatizante uma identificação com a Igreja, uma vez que essa, pelas palavras do Papa Paulo VI, leva “[...] a Boa-Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude [...]” (apud QUEZINI, 2013, p. 39).

É conveniente salientar que a mensagem querigmática propicia uma paixão impetuosa e sedenta pela pessoa de Jesus, estando presente no início, no meio e no fim de “[...] uma pregação contínua e incansável da Palavra de Deus” (CNBB, 2009, p. 9). Desse anúncio, presume-se uma inteireza de conteúdo que brote de uma vida consagrada e tocada pela experiência de fé, testemunhada na comunidade cristã, primeira responsável pela evangelização querigmática.

---

bem como que prepare para um novo tempo que se aproxima.

Por esse motivo, adota-se a instrução apresentada pelo Documento de Aparecida (2007), a de uma Igreja que se constitua “escola do discipulado missionário”, explicitada em um dos subsídios doutrinários, publicado pela CNBB: “Somente no horizonte de uma vida pautada pelo seguimento de Cristo e pelo anúncio do seu nome é que o testemunho do cristão pode se tornar crível e despertar outros para o mesmo seguimento” (CNBB, 2009, p. 10).

A fim de constituir-se “escola do discipulado”, encontramos na Igreja, critérios de evangelização para o anúncio do Querigma, dentre os quais a relevante adesão a uma linguagem que não escandalize o próprio Evangelho, mas que o leve a surpreender seus interlocutores, ultrapassando as intransigências dos limites gerados pela intolerância e impaciência com os mesmos.

Dessa maneira, surge um protótipo específico para que a mensagem da Boa-Nova seja disseminada, sendo esse o do “anúncio contextualizado” (Ibidem, 2009, p. 14) que se insere na sociedade globalizada, onde enfrenta com perseverança a disputa contra um ceticismo cristão hodierno, recordando a fé daqueles primeiros cristãos, persistentes em não abortar seu discipulado defronte a uma perseguição sangrenta<sup>16</sup>.

Visto isso, acreditamos que a verdadeira acolhida do anúncio do Evangelho ocasiona uma transformação radical na vida. Olhemos para os textos sagrados: Zaqueu restituindo tudo que roubou (Lc 19,8); Maria Madalena, do pecado aos pés da Cruz (Jo 19,25f) perseverando até a ressurreição (Ibidem 2011), entre outros que foram marcados por esse encontro apaixonado, repercutido na imprevisibilidade das suas vidas. Assim, uma vez reavivados pela experiência anunciada nos textos sagrados, reafirmamos a relevância e a necessidade de formar agentes que se assumam como “sal da terra” (Mt 5,13a) e “luz do mundo” (Ibidem 5,14a) nesse tempo do Querigma no processo de Iniciação Cristã.

---

<sup>16</sup> Mártires dos séculos I ao IV perseguidos pelo Império Romano por não abdicar do seguimento a Cristo.

### **3 O INTRODUTOR NA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ**

No encontro com os primeiros discípulos, na Galileia (Mc 1,16a), Jesus ilumina a maneira de se comportar própria de quem deseja anunciar o Querigma. Estar junto ao mar nos faz refletir que Jesus não foge de um “anúncio contextualizado”, pois a transformação que seria realizada na vida daqueles apóstolos jamais se distanciaria da condição humana deles como pescadores: “Vinde em meu seguimento e eu farei de vós pescadores de homens” (Mc 1,17).

É bem verdade que tudo se inicia na Galileia, mas também convém terminar ali, o que faz Jesus lembrar as origens de onde cada um provém. Dados por fracassados com a morte do seu Mestre, Simão volta ao que era antes, pescador de peixes (Jo 21,3a). Desconhecido de si mesmo, se esquece de que sua pesca missionária não é a de fisgar peixes, mas de converter homens – ovelhas que precisam ser apascentadas pelo pastor (Jo 21,15-17).

Consequência disso é o retrocesso a uma vida descontextualizada da missão, gerando nele as indecisões do próprio discipulado. É diante disso que se requer um novo anúncio que desperte o encorajamento missionário, semelhante ao dos discípulos de Emaús, com ardor eucarístico (Lc 24,13-35). Logo, urgente é o chamado à atuação dos agentes da catequese, conduzindo sempre ao mistério do amadurecimento da Fé.

Diferente de uma figura central assumida pela pessoa do catequista, possível de ser visualizada no modelo de catequese que enfatiza mais a doutrina, é mister o envolvimento de novos papéis a se somarem aos já existentes (catequistas, padrinhos, pais, sacerdotes, entre outros), na condução do catecúmeno ou do catequizando aos mistérios de Jesus morto e ressuscitado. Com isso, dentre os serviços já existentes, surge na Iniciação à Vida Cristã um novo agente, “o introdutor”.

Com o intuito de suscitar no simpatizante o despertar da fé, em um tempo propício do Pré-Catecumenato do Itinerário da

Iniciação à Vida Cristã, o vocacionado<sup>17</sup> a introdutor assume uma função específica durante os primeiros passos a serem dados pelos iniciandos. Endireitando o caminho do Senhor, como aponta São João Batista, esse agente deve ser uma “voz que clama no deserto” (Jo 1,23) da sociedade contemporânea.

Nessa perspectiva do primeiro anúncio que “consiste na proclamação de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como único salvador”, conforme nos apresenta o documento da CNBB (2009), a preparação formativa da comunidade, sobretudo desse agente, deve passar pela dimensão de redenção e ressurreição de Jesus, posto que, sem a graça salvífica dada na cruz não seríamos regenerados do pecado, a fim de sermos inseridos na vida nova.

O primeiro capítulo do Evangelho segundo São João, orienta a ação de um introdutor. Apresentando Jesus como o “Cordeiro de Deus”, João Batista direciona um novo caminho que seus discípulos passariam a assumir (Jo 1,36-37). A mensagem deve sair da vida para a vida como “componentes fundamentais do anúncio querigmático” (CNBB, 2009, p. 13).

Estabelecido um Itinerário a ser percorrido pelos que serão iniciados, a formação social, cristã e espiritual dos agentes é indispensável. Pois, no que concerne ao tempo anterior ao da Catequese, o Querigma, a Comissão de Iniciação à Vida Cristã formará o introdutor(es), partindo de uma vivência da dinâmica de fé e de vida.

### 3.1 O INTRODUTOR E SEU CAMPO DE MISSÃO

Segundo o número 42 do RICA, o agente introdutor pode ser homem ou mulher que seja iniciado nos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã (Batismo, Crisma e Eucaristia), tenha participação ativa na celebração da comunhão e da partilha da Palavra na comunidade, seja fiel à Igreja e zele pela sua formação humana e cristã continuada, além de possuir uma postura ética

---

<sup>17</sup> Do latim *vocare*, vocação quer dizer um “chamado”.

adequada na sociedade, prezando por uma linguagem acessível aos que ingressam no itinerário de Iniciação à Vida Cristã.

O introdutor pode ser escolhido para o exercício da função de padrinho ou madrinha. Contudo, pressupondo a realidade pastoral presente no século vigente, onde os padrinhos são escolhidos pelos candidatos durante o percurso do Itinerário, torna-se válido que o introdutor seja “substituído por outro” (RICA, 1973, p. 52), podendo ser qualquer pessoa da comunidade.

Tendo em vista que alguns subsídios catequéticos, (CNBB, 2009a), indicam um tempo estimado de 1 (um) a 2 (dois) meses para vivência do Pré-Catecumenato, é recomendado que exista uma profunda observação da necessidade dos simpatizantes para a escolha dessa duração, não reduzindo o Itinerário de Iniciação à Vida Cristã ao tempo cronológico do calendário civil, visto a riqueza do amadurecimento experiencial da fé. Assim, antes mesmo de se estabelecer as datas iniciais e finais, muito embora se compreenda que essas sejam importantes para direcionar o compromisso e o progresso, cumpre designar os temas e a maneira como serão abordados pelos agentes desse tempo.

Na perspectiva de levar a Palavra além das estruturas internas da Igreja, os encontros do tempo do Querigma possuem uma metodologia própria. Dela, o agente desse tempo deve ter domínio. Com encontros realizados nas casas dos simpatizantes, a transmissão da Boa-Nova objetiva alcançar também seus familiares, cujo intento esteja em remodelar a catequese familiar, pelo exemplo da Sagrada Família (Jesus, Maria e José). Cada encontro deve expressar uma profunda alegria com o diálogo, a acolhida e, sobretudo, a partilha da Palavra Divina por meio da Leitura Orante (Lectio Divina), que nos insere em um contato com o Deus vivo.

Dessa maneira, com acolhida, oração, leitura e partilha da Sagrada Escritura nas casas dos simpatizantes – o que não impossibilita ocorrer em outro ambiente adequado –, o introdutor, nesse Primeiro Tempo, deve orientar a duração de cada encontro

entre 1 (uma) e 2 (duas) horas, de acordo com cada realidade comunitária. O introdutor é colaborador-ativo da Iniciação à Vida Cristã com inspiração catecumenal.

### 3.2 O INTRODUTOR E A COMUNIDADE ECLESIAL

Segundo o RICA, na Primeira Etapa (Celebração de Entrada) do Itinerário para o não batizado, o item de n. 71 expressa uma das funções dos agentes introdutores. A de apresentar à Igreja todos os simpatizantes acompanhados por eles no Pré-Catecumenato, de modo que os levem a um novo tempo de preparação, o Catecumenato (RICA, 1973, p. 68), onde passarão a viver outra estrutura de encontro, não dissociada da anterior.

Posto isso, fica claro o lugar desse agente na iniciação. Com efeito, nenhum dos responsáveis pelo processo da Iniciação à Vida Cristã deve se entender protagonista. A comunidade é o espaço especial da plantação e meta da colheita.

Nesse sentido, compreende-se correlato ao da comunidade o perfil do agente introdutor, cuja responsabilidade está na criação de um ambiente favorável e correspondente às expectativas de cada iniciando, “a vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp, 2007, n. 156), e a comunidade tem a função prioritária de atrair pelo anúncio do amor, cada apaixonado pela Boa-Nova.

A comunidade, de alguma forma, está representada na missão do introdutor, enquanto acompanhante do “iniciando-simpatizante”, ao recebê-lo na Celebração de Entrada, para o Segundo Tempo (Catecumenato). Assim, percebe-se que a Comunidade é o lugar, a fonte e a meta de toda ação iniciática.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão realizada no decorrer desse estudo nos convidou a pensar sobre o perfil de um dos agentes específicos da Iniciação à Vida Cristã, o introdutor. A Igreja, ao resgatar a

inspiração catecumenal das comunidades cristãs dos primeiros séculos, impulsiona-nos, hoje, a compreender e viver de maneira sempre mais fecunda o discipulado missionário: A Igreja de portas abertas numa atitude constante de saída.

Nessa perspectiva, reafirma-se o entendimento de que o introdutor age efetivamente no tempo do Querigma, junto aos outros agentes da catequese, anunciando o amor da Trindade Santa.

Portanto, a Igreja torna a apresentar uma catequese fundamentada nas primeiras experiências apostólicas, cuja manifestação Divina promove a formação humana à estatura da maturidade de Cristo, como afirma São Paulo em seus escritos. Essa maturidade, na comunidade, é essencial para a introdução do candidato no itinerário de fé. Vivida assim, a catequese estará a serviço da Iniciação à Vida Cristã. A celebração dos sacramentos da iniciação será ponto culminante do processo. A partir de então os neófitos percorrerão o caminho de formação permanente.

O ministério de introdutor nasce da natureza missionária da Igreja. Na comunidade, onde são gerados e acompanhados os novos cristãos, encontra-se o sentido do serviço dos introdutores. São membros de movimentos, pastorais e serviços para a vida da Igreja. A pessoa do introdutor sinaliza para a missão iniciadora da comunidade ao mistério de Cristo e da Igreja. Acolher e acompanhar os futuros membros do corpo de Cristo é expressão da alegria de iniciar discípulos missionários na mudança de época.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. 10. Ed. São Paulo: Paulus, 1985.

CARVALHO, Humberto Robson de. **Ministério do Catequista: elementos básicos para a formação**. São Paulo: Paulus, 2015.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Documento 84. 10. Ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CNBB. **Anúncio Querigmático e Evangelização Fundamental**. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Subsídios Doutrinários 4).

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo com inspiração catecumenal**. Brasília: Ed. CNBB, 2009a.

Constituição Dei Verbum. In: **Documentos do Concílio Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1966.

SILVA JUNIOR, João de M. Uma Proposta do Tempo de Pré-Catecumenato para a Catequese de Inspiração Catecumenal. **Reveleto**, Vol. 9, n. 16, jul/dez, 2015, p. 188-196. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/viewFile/26089/18728>>. Acesso em 06.01.2017.

SILVA JUNIOR, João de M. **Quem é o introdutor? Um perfil do novo ministério para a catequese de inspiração catecumenal**. 24 set. 2016. Disponível em: <<https://joaomelo10.blogspot.com.br/2016/09/quem-e-o-introdutor-o-perfil-do-novo.html>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

QUEZINI, R. **A pedagogia da iniciação cristã**. São Paulo: Paulinas, 2013.[http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/\\_Papa\\_trabalhar\\_pela\\_cultura\\_do\\_encontro/1257744](http://pt.radiovaticana.va/news/2016/09/13/_Papa_trabalhar_pela_cultura_do_encontro/1257744)





# O QUERIGMA CRISTÃO<sup>1</sup>

Pe. Luiz Alves de Lima<sup>2</sup>  
Paulo Stippe Schmitt<sup>3</sup>

**Resumo:** O Querigma é o anúncio central da fé cristã: o mistério pascal de Jesus Cristo e a salvação oferecida à humanidade por Deus. Este anúncio, o primeiro em ordem e valor, deve ecoar sempre na boca de cada discípulo-missionário. Em tempos de fluidez, de modernidade líquida, será necessário descobrir metodologias que alcancem os interlocutores atuais e façam o anúncio pascal chegar a seus corações. O Concílio Vaticano II, no retorno às fontes, redescobriu o catecumenato primitivo e o propôs como caminho para a formação dos novos cristãos. O primeiro passo desse processo é o anúncio de Jesus Cristo, o Querigma, entendido como um pré-catecumenato, primeiro tempo da Iniciação à Vida Cristã, conforme o *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*. Esta pesquisa visa a clarificar os conteúdos do Querigma, bem como a maneira de anunciá-lo hoje.

**Palavras-chave:** Querigma. Iniciação à Vida Cristã. Catecumenato.

## INTRODUÇÃO

Florescem na Igreja no Brasil itinerários de Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, como forma de reavivar o empenho catequético em sua metodologia e eficácia evangelizadora. O que se quer, olhando para o catecumenato da Igreja primitiva, é gerar nos cristãos de hoje a convicção de fé que tinham os cristãos da primeira hora, dispostos a entregar a própria vida pelo nome de Jesus, com quem tinham feito um encontro

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista *Encontros Teológicos*, v. 32, n.1 (ISSN 1415-4471).

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Teologia Pastoral Catequética pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma e Coordenador de Curso de Pós-graduação em Catequese pela Faculdade Unisal – campus Pio XI (São Paulo)

<sup>3</sup> Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz – 2012) e Teologia (Facasc – 2016), pós-graduando em Catequese-Iniciação à Vida Cristã (Facasc).

marcante e convertedor, que mudou para sempre suas vidas. Não deveriam ser assim os discípulos de Jesus de todos os tempos?

A vida cristã é um caminho. Ninguém nasce cristão, mas se adere a Cristo a partir da Palavra que se ouve e pelo testemunho da Igreja. O processo da IVC com inspiração catecumenal busca a fertilidade da vida discipular, comprometendo toda a comunidade no processo de crescimento de cada cristão. A boa colheita virá na medida do empenho e da seriedade da implantação do método, já testado e aprovado pelos primeiros cristãos, sempre esperando no auxílio de Deus, que é quem faz crescer todas as coisas.

O anúncio de Jesus Cristo, em sua Páscoa, é o núcleo da fé cristã, o Querigma. Como tal, este é o primeiro assunto em matéria de fé, tanto cronologicamente quanto em grau de importância. Conhecer o que seja o Querigma e encantar-se por esta Boa Nova é fundamental para a vida de todo cristão, mais ainda no processo catequético iniciático, que almeja a inserção dos novos membros no corpo eclesial.

## **1 MERGULHAR NO MISTÉRIO PASCAL DE JESUS CRISTO: O ANÚNCIO DA PÁSCOA**

Querigma é o primeiro anúncio de Jesus feito àquele que não ouviu sua mensagem – ou já a ouviu, mas não a internalizou de modo a aderir a ela. De modo estrito, trata-se do “[...] anúncio público e solene da salvação de Deus, oferecida a todos os seres humanos em Jesus Cristo, morto e ressuscitado”.<sup>4</sup> Desse modo, não há como dissociar do caminho catecumenal o Querigma, base da fé, sobre a qual irá se construir todo o edifício – de fato, ele “não é somente como o tempo de uma fase, mas também como o fio condutor de um processo”.<sup>5</sup> Esse ponto de partida é melhor

---

<sup>4</sup> ALBERICH, Emilio. *Catequese evangelizadora: manual de catequética fundamental*. Tradução e adaptação de Luiz Alves de Lima. São Paulo: Salesiana, 2004. p. 88.

<sup>5</sup> LELO, Antônio F. Introdução. In: GEVAERT, Joseph. *O primeiro anúncio: finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença*. Tradução de

chamado pré-catecumenato, porque antecede o processo de formação propriamente dito. Mais que formação, trata-se de proclamação, adesão, início de conversão, abertura ao amor de Deus manifesto em Jesus Cristo.

Uma imagem proposta pelo cardeal Suenens pode colaborar como introdução ao entendimento do que significa o Querigma:

Eu compararia nosso encontro com Deus, na fé pura, a um viajor que numa noite de inverno, na curva de uma estrada, descobre um chalé isolado de brilhante claridade. Chegado ao limiar, percebe, através da porta envidraçada, cavacos que ardem, crepitam, projetam centelhas; adivinha o calor envolvente da lareira, mas não o sente enquanto permanece do lado de fora, como observador no frio e no vento. [...] Mas, embora capte os raios luminosos e adivinhe o doce calor, este não penetra até a medula dos ossos. É preciso que penetre no interior, não porque seja digno disto, mas porque Deus o convida com insistência e arde em desejo de se comunicar a ele. Para isso, é preciso que bata; esta é a parte de sua colaboração. [...] Mas, acima de tudo, é preciso que cada um saiba que é esperado junto à lareira, que é filho da casa, e que não pode dar a Deus maior alegria do que aceitar o convite.  
[...] Uma vez no interior, tudo muda para o viajante.<sup>6</sup>

O ser humano tem em si a pergunta pela transcendência. A essa pergunta o próprio Deus vem responder pela revelação, que culmina em Jesus Cristo, Deus feito homem. A resposta que Deus dá à humanidade sobre si mesmo supera todas as expectativas, exatamente porque chega ao mais profundo da humildade e do amor, no mistério da Encarnação, vida, morte e ressurreição do Filho. Acolhida na fé, essa resposta é capaz de transformar a vida, enchê-la de novo significado.

Ponto de partida de todo crescimento na fé é a conversão, momento crucial na vida do crente, que supõe uma ruptura com o passado e a assunção de uma nova mentalidade e estilo de vida. É

---

Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 11. (Pedagogia da fé).

<sup>6</sup> SUENENS, L. J. **O Espírito Santo, nossa esperança**. 2. ed. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1975. p. 102-103.

uma situação radicalmente nova, um processo de ‘desestruturação’ que leva a uma ‘reestruturação’ ou recomposição da vida em torno de um novo centro vital, Cristo.<sup>7</sup>

Perguntar pelo Querigma<sup>8</sup> é mergulhar no núcleo da fé cristã, naquilo que os apóstolos anunciaram logo após a ressurreição de Jesus, cheios do ardor do Espírito Santo, que lhes explicitara todas as coisas, conforme a promessa do Senhor antes de sua Páscoa. Impelida pelas maravilhas ocorridas em Jesus, revelação do amor de Deus pela humanidade, trazendo a salvação, a comunidade cristã primitiva foi se desenvolvendo, unidas nas

---

<sup>7</sup> ALBERICH, 2004, p. 160-161.

<sup>8</sup> “A palavra querigma tem sua raiz etimológica no termo grego clássico κήρυξ (*kérix*), que já se encontra em Homero. Significa o *proclamador, arauto, mensageiro, embaixador*. É interessante notar que *kerix* aparece no Novo Testamento só três vezes, em termos muito tardios [1Tm 2,7; 2Tm 1,11; 2Pd 2,5], e a própria palavra κερυγμα (*kérigma*), com o significado de *mensagem proclamada*, aparece também muito pouco. Mais precisamente, Paulo usa o termo κερυγμα (*kérigma*) para indicar a *mensagem de Jesus Cristo* (Rm 16,25: *Kérigma Iesou Christou*) por ele proclamada, ou a sua pregação em geral (1Cor 1,21; 2,4; 15,14). De um modo mais formal encontramos esse conceito em 2Tm 2,17 (“o Senhor revestiu-me de força a fim de que a *mensagem* fosse por mim proclamada e escutada por todos os pagãos”) e Tt 1,3 (“...Deus que, nos tempos fixados, manifestou a sua palavra numa *mensagem* que me foi confiada...”). Nos evangelhos o termo κερυγμα (*quérygma*) aparece apenas em Mt 12,41, e em Lc 11,32: são referências à *pregação* de Jonas em favor de Nínive. Pelo contrário, o verbo κερυσειν *kerýssein* (anunciar, pregar) aparece bem 62 vezes no Novo Testamento: nas *cartas* de Paulo 19 vezes; 12 em *Marcos*; 9 em *Mateus*; 9 em *Lucas*; 8 nos *Atos*; e 1 vez em *1Pedro* e *Apocalipse*. Em *João*, *Hebreus* e *Tiago* nunca aparece este verbo. [...] Usando poucas vezes tanto o termo oficial *kéryx* (arauto, anunciador), como a própria palavra *kérigma* (mensagem), o Novo Testamento dá preferência ao verbo κερυσειν (*kerýssein*): proclamar, anunciar. Isso significa que se quer dar mais valor ao *evento eficaz da pregação* em si mesma e não tanto à instituição ou pessoas nela envolvidas, como era entendido na linguagem comum”. LIMA, Luiz A. O que é querigma? **Revista de Catequese**, São Paulo, n. 109, p. 6-20, 2005. p. 9-10; grifo do autor. “Querigma significa pregão, proclamação ou anúncio, e de fato é sinônimo de Evangelho em seu sentido etimológico de boa notícia”. NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Querigma**: a força do anúncio. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 30. (Coleção Pastoral litúrgica).

orações, na fração do pão, no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna (At 2,42).

O Querigma permanece central em toda a história da Igreja, porque a mensagem profunda dos discípulos de Jesus é perene, sempre atual: a certeza da morte e ressurreição de Jesus garante para todos os tempos a salvação e o constitui como Cristo à direita do Pai. Tal salvação se estende a todas as gerações, pelo desígnio misericordioso de Deus. “Enquanto anúncio de vida, o Querigma ultrapassa os limites de tempo e de espaço, abraça toda a história e oferece aos homens uma esperança viva de salvação”.<sup>9</sup>

## **2 RETORNO ÀS FONTES**

O Concílio Vaticano II (1962-1965) promoveu uma nova eclesiologia, compreendida na dimensão da Igreja como Povo de Deus e incitando uma maior participação de todos os membros da comunidade para a edificação comum. Tal proposta, nos diversos campos de atuação da Igreja (Bíblia, liturgia, catequese, missões, ecumenismo), teve como uma de suas bases o retorno às fontes da fé: a Sagrada Escritura e o testemunho dos Santos Padres, para retomar a pureza original da novidade cristã.

Aproximar-se mais das fontes bíblicas possibilita perceber de maneira mais clara como os cristãos da primeira hora entenderam a mensagem de Jesus e viveram sua fé com convicção, mesmo entre as perseguições. Os Evangelhos constituem um testemunho valioso do modo como os primeiros discípulos de Jesus formaram a comunidade crente e como a Boa Nova se espalhou por entre os povos, desde o mandato missionário de Jesus. A Patrística continuou a missão apostólica, ainda na proximidade do evento Cristo e dos apóstolos, e permite aos leitores contemporâneos a leitura do modo como se foi estruturando a fé em torno de elementos considerados centrais, entre eles o Querigma.

---

<sup>9</sup> CNBB. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: Edições CNBB, 2009. p. 15, n. 17. (Subsídios doutrinários, 4).

A catequese entra nesse mesmo caminho, iluminada pelo Vaticano II. Retornando às fontes, procura perceber a prática dos primeiros cristãos para iniciar na fé aqueles que desejavam participar da comunidade, mesmo com o perigo das perseguições e da morte.<sup>10</sup> Ser cristão, aí, não constitui mero dado cultural, mas opção radical por Jesus. Isso se pode constatar, por exemplo, num trecho da *Carta aos Hebreus*:

Lembrai-vos, contudo, dos vossos primórdios: apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso. Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam. Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos prisioneiros e aceitastes com alegria a espoliação dos vossos bens, certos de possuir uma fortuna melhor e mais durável (Hb 10,32-34).

Tal escolha por Cristo não podia, antes, nem pode ser arbitrária, hoje, mas exige seriedade e tempo de preparação. O conteúdo central da fé precisa encantar de tal modo que mesmo a entrega da própria vida valha a pena, porque o tesouro descoberto ultrapassa a dimensão da vida terrena. “A resposta ao anúncio querigmático é existencial”.<sup>11</sup> Tal é o caminho da Iniciação à Vida Cristã. O testemunho dos frutos do processo catecumenal primitivo vem dos próprios membros da Igreja antiga, agora já incorporada ao Império:

No tempo em que se era realmente fiel, quando o martírio era uma realidade desde o nascimento, quando ao voltar dos cemitérios onde havíamos acompanhado o corpo dos mártires, entrávamos nas assembleias, quando a Igreja inteira permanecia lá, inquebrantável, quando os catecúmenos eram catequizados no meio dos mártires... Então os fieis eram pouco numerosos, sem

---

<sup>10</sup> “Além de ser um anúncio encarnado na vida, o querigma é um anúncio contextualizado. O contexto em que os primeiros missionários – os Apóstolos – realizaram o anúncio compreende a perseguição religiosa, a magia, a idolatria, a devassidão moral, o muro erguido entre os povos”. CNBB, 2009, p. 14, n. 14.

<sup>11</sup> CNBB, 2009, p. 13, n. 12.

dúvida, mas verdadeiramente fieis, avançando pelo caminho estreito e áspero que leva à vida.<sup>12</sup>

Como era realizado o Querigma? O processo da Iniciação à Vida Cristã na Igreja primitiva constava de etapas bem definidas, às quais o iniciante era introduzido aos poucos, com o auxílio de um acompanhante, dado que “o ponto crucial deste anúncio é que ele não é feito por mestres, mas por testemunhas, que já tiveram seu encontro com o Senhor e decidiram aderir a ele como Caminho, Verdade e Vida”.<sup>13</sup> O acompanhante, o catequista designado pela comunidade para cada pessoa a ser iniciada, vive a alegria de recontar a história da salvação e anunciar o amor de Deus. À semelhança dos bispos reunidos para a V Conferência do CELAM, o anunciador do Querigma pode dizer: “Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”<sup>14</sup>.

O primeiro passo era, exatamente, o Querigma, o anúncio primeiro da fé – primeiro não só no tempo, mas no seu caráter essencial, principal.<sup>15</sup> Este é “o primeiro e fundamental anúncio de Jesus Cristo como o Salvador da humanidade”.<sup>16</sup> Reconhecer o

---

<sup>12</sup> ORÍGENES. In: Fliche et Martin, *Histoire de l'Église*, t. II, 1935, p. 252 apud ETCHEGARAY, Roger. **Vou andando como um jumento**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1986. p. 169.

<sup>13</sup> NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2014, p. 87.

<sup>14</sup> CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe. 3. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007. p. 24; DAp 29.

<sup>15</sup> FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2013. Disponível em: <[http://m2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/Papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://m2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/Papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 18 maio 2015. Não paginado; EG 164. Há quem sugira como preferível a definição de querigma como “anúncio fundamental” à de “anúncio primeiro”, reforçando a mesma ideia do Papa Francisco. CÉSAR, Danilo. Homilia: anúncio querigmático em vista da fé. **Revista de liturgia**, São Paulo, ano 43, n. 256, p. 24-26, 2016, p. 24.

<sup>16</sup> CNBB. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia: a conversão



amor de Deus manifestado em Jesus é o passo fundamental para abraçar a fé cristã, que, longe de ser uma ideologia, é uma Pessoa. Logo, a fé se compreende no paradigma da relação amorosa entre Deus e o fiel. “A força de uma proposta de primeiro anúncio não está no poder de convencer intelectualmente, mas no fato de *motivar um primeiro interesse pela pessoa de Jesus Cristo*”.<sup>17</sup>

Daqui se depreende que o Querigma funda a fé, é o momento principal, do primeiro encontro com o Senhor Jesus, a aceitação do amor de Deus manifesto no Filho, até a morte e ultrapassando a morte. “Entrar no amor de Deus, é entrar no próprio mistério de um Deus que amou os homens até o ponto de dar seu Filho e que situou o amor ao próximo no próprio coração da religião cristã”.<sup>18</sup> Tal amor aos irmãos leva aquele que recebe o primeiro anúncio para a vida na comunidade-Igreja.

O Querigma deve ter, também hoje, a mesma incidência que teve sobre os apóstolos, ao encontrarem Jesus pela primeira vez e ao serem chamados por ele: um chamado que cativava e os tornava seguidores. É a força dessa vocação primeira que dará entusiasmo para prosseguir aprendendo com Jesus. O Papa Francisco recorda que “[...] a evangelização não deveria deixar que alguém se contente com pouco”.<sup>19</sup> O processo catequético atual, na inspiração da Iniciação à Vida Cristã, é um projeto de adesão firme à pessoa de Jesus, e deve ser encantador e provocativo. “O Querigma questiona a autossuficiência do homem e, no momento em que este se decide a seguir o caminho de Cristo, lhe é oferecida a possibilidade de uma vida plena”.<sup>20</sup>

Clarificar o que seja o Querigma é, assim, primordial para a eficácia do processo de Iniciação. O quê, pois, caracteriza o

---

pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 47. n. 88. (Documentos, 100).

<sup>17</sup> NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2014, p. 33. [Grifo do autor].

<sup>18</sup> SUENENS, 1975, p. 96.

<sup>19</sup> FRANCISCO, 2013, n. 160.

<sup>20</sup> CNBB, 2009, p. 20, n. 34.

Querigma? A primeira definição que a *Evangelii Gaudium* dá sobre o Querigma é esta:

O *Querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: ‘Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar’.<sup>21</sup>

Tudo na Igreja é imagem da Trindade e deve tender para a comunidade que é Deus. O Querigma revela a face bondosa de Deus. Na cruz de Jesus estão o Pai, que entrega o Filho, e o Espírito, que jorra do lado de Jesus para a humanidade. Na sua ressurreição, é o Espírito quem atua e revela o desígnio benevolente do Pai, ao ressuscitar o Filho. “En el ‘kerigma’ se anuncia a Cristo, el Hijo de Dios hecho hombre, muerto y resucitado, que comunica, de parte del Padre, la vida nueva en el Espíritu. Tiene, pues *dimensión trinitaria*”<sup>22</sup>. O mistério da Páscoa de Jesus demonstra todo o amor de Deus, que é amor. O Querigma é um anúncio do amor de Deus, manifesto de forma maior em Jesus. “A primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo”.<sup>23</sup> Esse anúncio, como primeiro e principal, dirige-se aos que iniciam a caminhada de fé, mas também é o horizonte de toda a vida da Igreja.<sup>24</sup> Gevaert indica como fundamental a pregação sobre a fé num único Deus

---

<sup>21</sup> FRANCISCO, 2013, n. 164.

<sup>22</sup> BIFET, Juan E. **Kerigma**. Disponível em:

<<https://compartirencristo.wordpress.com/mision/vocabulario-mision/>>. Acesso em: 29 maio 2015. Não paginado.

<sup>23</sup> FRANCISCO. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 15. n. 12.

<sup>24</sup> “A forma própria do anúncio do querigma é a proclamação feita àqueles que não têm fé, ou aos que se afastaram dela e não a consideram uma experiência que interesse efetivamente à própria vida. A proclamação do querigma tem ainda todo um espaço específico na vida da Igreja, ainda que não possa ser separada do ensino (catequese) e da pregação, particularmente aquela feita na homilia”. CNBB, 2009, p. 19, n. 31.

verdadeiro como base para o anúncio da Páscoa de Jesus. Essa fé já era suposta em Israel, mas foi necessário apresentá-la aos gentios, como primeiro passo para o anúncio do Evangelho. Desde modo, a dimensão monoteísta e trinitária está presente em todo o discurso querigmático.<sup>25</sup>

O Papa emérito Bento XVI, na Audiência Geral de 17 de outubro de 2012, definiu o Querigma do seguinte modo: “Jesus de Nazaré, crucificado e ressuscitado, salvador do mundo, que está sentado à direita do Pai e é o juiz dos vivos e dos mortos”.<sup>26</sup> Tal é o anúncio dos apóstolos logo após Pentecostes (At 2,14-36; 3,12-26; 10,37-43; 13,16-47)<sup>27</sup>, bem como o testemunho que Paulo guarda da pregação recebida dos apóstolos (1Cor 15,3-5; Rom 1,1-5).<sup>28</sup>

[...] a presença de Cristo na História dos homens, suas palavras, seus gestos e sobretudo os acontecimentos decisivos de sua Paixão – Morte – Ressurreição e Ascensão, constituem o núcleo central e o ponto culminante da revelação e realização do Mistério. São exatamente estes mesmos fatos que formam o tema central da primeira pregação apostólica, toda a vez que eles tomam a palavra diante de ouvintes novos. Como se pode verificar nos Atos, os discursos públicos de Pedro (At 2,22-36; 3,12-26; 4,8-12; 5,29-32; 10,34-43), de Paulo (At 13,16-41; 17,23-31; 22,1-21; 26,1-29; 28,23-28) ou os diálogos mais íntimos como o do diácono Filipe (At 8,26-39), obedecem a este esquema.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> GEVAERT, 2009, p. 26-54.

<sup>26</sup> BENTO XVI, 2012 apud NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2014, p. 29. Também: “O conteúdo fundamental do querigma é a morte e ressurreição de Jesus Cristo enquanto acontecimento salvífico atual”. LELO, 2009, p. 12. “[...] a mensagem do Cristo morto e ressuscitado”. SCHMITT, 1972 apud GEVAERT, 2009, p. 99.

<sup>27</sup> “Desde el día de Pentecostés, la Iglesia anuncia que Jesús es el Hijo de Dios hecho hombre para nuestra salvación, por medio de su muerte y resurrección; en él se cumplen las esperanzas messianicas”. BIFET, 2015, não paginado.

<sup>28</sup> “Los elementos fundamentales del “kerigma” se encuentran en diversos pasajes de *San Pablo*: la filiación divina de Jesús (manifestada por la fuerza del Espíritu en la resurrección), su realidad humana (manifestada especialmente en su nacimiento y muerte), su redención para nuestra salvación”. BIFET, 2015, não paginado; grifo do autor.

<sup>29</sup> CRISTÓVÃO; JEANNE, M.; ROSÁRIO, M. (ISPAC). **Novos rumos da catequese**. São Paulo: Paulinas, 1966. p. 69. (Horizontes da Catequese, 2).

### 3 ASPECTOS BÍBLICOS E ESTRUTURA DA PREGAÇÃO QUERIGMÁTICA

Bösen, ao analisar 1Cor 15,3-5, diz que “a quádrupla fórmula (cf. morto – sepultado – ressuscitado – apareceu) constitui para o apóstolo ‘o Evangelho’ (v. 1), uma espécie de ‘pequeno catecismo’, contendo os principais enunciados de fé para os candidatos ao batismo”.<sup>30</sup> Dada a centralidade deste conteúdo “recebido” pelo apóstolo Paulo, fica patente sua incidência para a fé.

O que está em jogo na *ressurreição de Jesus*? Sobre poucos outros temas há tamanho consenso na teologia para além de todas as fronteiras confessionais; ela responde com clareza e ênfase incomuns, recorrendo a Paulo: “Se Cristo não *ressuscitou*, então nossa *proclamação é vazia* e vossa *fé, sem sentido*” (1Cor 15,14). Em outras palavras, para a fé cristã, a ressurreição de Jesus tem significado *fundamental*, isto é, constitui *sua base*.<sup>31</sup>

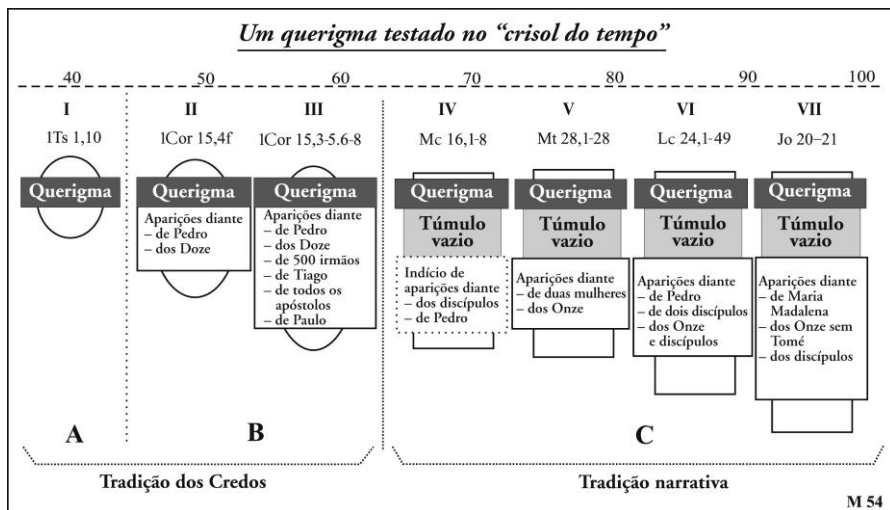
Enquanto base e fundamento para a fé, Bösen ainda fala da durabilidade do Querigma através do tempo, sem modificações pertinentes ao conteúdo principal, embora revestidos por novas situações (as narrativas do túmulo vazio, as aparições), narradas de modos diferentes por cada autor sagrado. De todo modo, como clarifica o esquema abaixo, “o Querigma permanece o mesmo num longo processo de transmissão, durando décadas”.<sup>32</sup> Isso se torna ainda mais relevante quando se considera a oralidade como meio de transmissão da fé.

---

<sup>30</sup> BÖSEN, Willibald. **Ressuscitado segundo as escrituras**: o fundamento bíblico da fé pascal. Tradução de Renatus Porath. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 112. (Bíblia e história. Série maior). De maneira semelhante se estrutura o antigo querigma da Igreja de Jerusalém, conforme os estudos de C. H. Dodd: As profecias se realizaram em Cristo, que nasceu da descendência de Davi, morreu, foi sepultado e ressurgiu, sendo exaltado à direita de Deus, donde virá como juiz e salvador. GEVAERT, 2009, p. 91.

<sup>31</sup> BÖSEN, 2015, p. 13, grifo do autor.

<sup>32</sup> BÖSEN, 2015, p. 115.



Desenho 1: BÖSEN, 2015, p. 115.

Noutra esquematização, alargando o tema nuclear do Querigma e considerando mais elementos, Imaculada Cintra, catequista da diocese de Franca/SP, estrutura os passos do Querigma nesses seis pontos:

DEUS TE AMA, com amor incondicional, mas teu PECADO te impede de sentir esse amor. Entretanto, Ele já te perdoou e LIBERTOU pela morte e ressurreição de Cristo Jesus. A única coisa que você deve fazer é crer, ter FÉ e CONVERTER-SE a fim de receber seu amor, que é o ESPÍRITO SANTO e possa viver na família de Deus, fazendo parte da COMUNIDADE.<sup>33</sup>

Para a autora, o conteúdo do Querigma é intercambiável em sua ordenação, mas todo ele deveria preceder a catequese e levar até ela. Joseph Gevaert concorda que falar sobre o pecado e convidar à conversão fazem parte do conteúdo mesmo do Querigma.<sup>34</sup> O Núcleo de catequese Paulinas expõe o conteúdo

<sup>33</sup> CINTRA, I. **O querigma precede a catequese**. Disponível em: <<http://catequesebiblia.blogspot.com.br/2012/05/o-querigma-precede-catequese.html>>. Acesso em: 11 maio 2015. Não paginado; grifo do autor.

<sup>34</sup> GEVAERT, 2009, p. 106.

querigmático num viés trinitário, da seguinte maneira: O amor do Pai como ponto inicial; o encontro com Jesus como cume do primeiro anúncio, e sua missão e destino (Bem-aventuranças, crucifixão, ressurreição); o Espírito Santo.<sup>35</sup> O primeiro anúncio leva à vida de Igreja e à conversão.

Encontram-se, dessa maneira, compreensões mais estritas ou mais amplas acerca do conteúdo do Querigma. Não há dúvida quanto à centralidade do evento pascal.<sup>36</sup> O paradigma para o anúncio querigmático é a pregação apostólica, no início da Igreja, como apresentam os *Atos dos Apóstolos*. Desse modo, “o Querigma é o anúncio da chegada do Reino de Deus na pessoa de Jesus, realizando o ideal da justiça ardentemente desejado pela humanidade”.<sup>37</sup>

#### **4 A METODOLOGIA DO ANÚNCIO: FÉ E LINGUAGEM**

Todos os autores pesquisados insistem que o Querigma não seja somente uma fase do processo de Iniciação à Vida Cristã.<sup>38</sup> Como elemento principal da fé, ele deve acompanhar toda a vida e retornar sempre com nova luz. Toda a formação cristã é, no fundo, aprofundamento do Querigma,<sup>39</sup> assim como a celebração quotidiana da Santa Eucaristia, não é outra coisa senão a memória sacramental diária do Querigma... Desse modo, a formação no Querigma será permanente, como o encontro com a motivação primeira para ser cristão.

Que postura tomar para o anúncio do Querigma na cultura atual? Se o Querigma for pregado de maneira a atingir o coração dos ouvintes, fará brotar também as consequências de uma adesão convicta: vontade de participar, escuta atenta e resposta ao

---

<sup>35</sup> NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS, 2014, p. 35-54.

<sup>36</sup> CNBB, 2009, p. 12, n. 11.

<sup>37</sup> CNBB, 2009, p. 16, n. 21.

<sup>38</sup> CELAM, 2007, p. 129; DAp 278a. Também FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 164.

<sup>39</sup> FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 165.

chamado de Deus para a comunhão, anúncio de Jesus Cristo aos irmãos (abertura missionária).

A centralidade do *Querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.<sup>40</sup>

Não poderá ficar fora da reflexão a questão da linguagem, tão em voga na cultura atual midiaticizada e na filosofia. O anúncio de Jesus é feito como aos primeiros cristãos, mas no contexto em que as pessoas de hoje possam compreender e se encantarem, porque a mensagem de Cristo as atinge no presente.

A linguagem do Querigma, portanto, há de expressar a novidade de um encontro que transforma e dá sentido à existência dos discípulos missionários. Assim, o evangelizador está permanentemente diante do desafio e da exigência de encontrar uma linguagem que, no estilo dos primeiros discípulos, interpele o ouvinte em seu coração, o entusiasme e o atraia a uma adesão firme e apaixonada a Jesus Cristo.<sup>41</sup>

O modelo de relação entre quem anuncia e seu(s) destinatário(s) pode ser visto no diálogo de Jesus com a samaritana<sup>42</sup> ou com os discípulos de Emaús, partindo de sua situação existencial e alcançando o anúncio da Páscoa de Cristo como superação dos limites humanos e oferta de salvação. Proximidade e testemunho são fundamentais.<sup>43</sup> De fato, “trata-se de uma catequese mais existencial, insistindo na centralidade de Cristo

---

<sup>40</sup> FRANCISCO, 2013, não paginado; EG 165.

<sup>41</sup> CNBB, 2009, p. 12, n. 9.

<sup>42</sup> Esta será a passagem bíblica que perpassa o documento da 55ª Assembleia dos Bispos do Brasil, que se deterá sobre o processo de Iniciação à Vida Cristã.

<sup>43</sup> GEVAERT, 2009, p. 114-126.

e de seu mistério em relação à vida dos interlocutores. A catequese querigmática é experiencial, [...] prefere conformar a vida do catequizando ao mistério”.<sup>44</sup>

No anúncio querigmático emergem as pessoas envolvidas: Deus, que doa a fé e se comunica na Palavra; a comunidade-Igreja, depositária da salvação dada em Cristo e anunciadora do Evangelho; os(as) catequistas, confiados pela comunidade para a formação dos novos membros da comunidade; os ouvintes do primeiro anúncio, convidados por Deus para a comunhão no Corpo de Cristo. Esta conversa entre vários agentes deve estar sempre evidenciada no processo iniciático, que é processo dinâmico de chamado e resposta. O catequista se põe, aí, como ponte entre Deus e a comunidade e os simpatizantes. Deve atentar, portanto, às diversas realidades em que os interlocutores se encontram, para perceber o modo de ação pastoral adequado: situação familiar, faixa etária, capacidade de compreensão e abertura à fé. Essas características ditarão o como do Querigma, a roupagem na qual virá a mensagem da Páscoa, que deve ser apresentada em toda a sua integridade e beleza.

Ainda acerca da linguagem própria do Querigma, A. Gesché trata belamente das implicações do anúncio teológico e de seu modo próprio de expressar a verdade, acolhida na abertura à fé.

Quando se fala da fé, é preciso saber que sua linguagem, queiramos ou não, não é a da prova já dada, mas de um anúncio que não se acompanha de outra coisa senão dele próprio. É o que, no Novo Testamento, chama-se de Querigma. Esse termo significa que o que se tem por verdadeiro *se anuncia* pura e simplesmente. Enquanto nos outros campos começa-se com observações (em ciência), com provas (na filosofia clássica), com intuições (em arte) ou com evidências (na vida do dia-a-dia) – com base nas quais uma afirmação poderá ser expressa – a fé “começa ao inverso”. Começa com uma afirmação (“convertei-vos e fazei penitência”), com um Querigma (“ide dizer-lhes que ele

---

<sup>44</sup> NENTWIG, Roberto. **Iniciação à comunidade cristã**: a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 124-125. (Coleção catequética).



ressuscitou”), com uma notificação (“um Salvador vos é dado”), com um anúncio (“eis que faço novas todas as coisas”). E a “prova”, a “observação” só se dá (ou não se dá) após (“Se tu creres, verás”, ver Jo 11,40). A ressurreição foi anunciada por anjos hermeneutas *antes* do túmulo encontrado vazio e antes das aparições.

É assim, uma vez mais, queiramos ou não, que a proposta de fé é feita (aliás, isso ocorre assim em tantos outros campos, onde o que se pode por primeiro é tentar a confiança). O Querigma é bem exatamente um “anúncio sem provas”. Pede-se que seja tentado, se é que se quer (“vinde e vede”) e que se experimente a verdade (ou não) no término desse convite. É nesse sentido que a fé é um *ex auditu* (disseram-me; eu ouvi). Que não se apresenta no início, “com palavras da persuasão dos sábios” (Cf. 1Cor 1 e 2), mas com palavras que têm toda a fraqueza e fragilidade – ou seria preciso dizer a decência e o pudor? – de convites que não pretendem ser obrigatórios. É nesse sentido – e que certamente não seria preciso exagerar sob pena de cair no fideísmo – que Kierkegaard pode falar do “salto” da fé, enquanto esta se apresenta como um passo a arriscar. O Evangelho anuncia, afirma, traz testemunho. O Evangelho remete a “verificação” para mais tarde e para nosso discernimento. Tal é o procedimento da fé. Aí está sua linguagem própria (Ramsey, Evans, Austin), sua maneira de manter-se no discurso dos seres humanos.<sup>45</sup>

Metodologicamente, P-A. Liégé trata da pregação querigmática em quatro tempos: 1) tempo narrativo, uma breve biografia de Jesus; 2) tempo reflexivo e significativo, respondendo “Que disse Deus no evento Jesus Cristo?”; c) tempo da confissão, como decorrência do anúncio; d) tempo da exortação, com o apelo à conversão.<sup>46</sup> Tal estrutura leva em conta, basicamente, os passos do anúncio de Jesus realizado pelos apóstolos nos *Atos*.

Ao iniciar a catequese, o catecumenato propriamente dito, a pessoa já deveria ver com clareza qual o núcleo da fé. O tempo da catequese deveria ser de aprofundamento daquilo que se crê. Em função do catolicismo cultural dos nossos tempos, porém, o processo catequético não poderá se eximir de lançar mesmo as

---

<sup>45</sup> GESCHÉ, Adolphe. **O sentido**. Tradução de Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 105-106. (Deus para pensar, 7).

<sup>46</sup> GEVAERT, 2009, p. 94-95.

bases da fé, por vezes enfraquecida desde a vida familiar. Para os que já nascem em ambientes cristãos, sempre será necessário um encontro pessoal, mesmo após a recepção dos sacramentos e alguma vida de Igreja – a esse fator pode-se chamar “cristianismo de segundo fôlego”.<sup>47</sup> Daí a necessidade de um tempo de pré-catecumenato, mesmo numa sociedade que já ouviu falar de Jesus. A catequese quer promover um encontro pessoal, mais profundo.

Encantado pela salvação manifestada em Jesus, cada pessoa dará o passo na direção de procurar aprofundar a fé, em todas as suas dimensões. “[...] o Querigma é o primeiro anúncio de Jesus e que a catequese é o ensino progressivo da fé. Se o Querigma é a forte badalada do sino, a catequese é o eco da badalada. A catequese prolonga o anúncio querigmático”.<sup>48</sup>

A importância do anúncio querigmático é tal que, no início do capítulo sobre a doutrina acerca do matrimônio e da família, o Papa Francisco retoma o Querigma como núcleo no qual se funda toda a evangelização, ao mesmo passo em que, retomando passagens da *Evangelii Gaudium*, dá a síntese do seu lugar na Igreja.

Diante das famílias e no meio delas, deve ressoar sempre de novo o primeiro anúncio, que é o “mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” e “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora”. É o anúncio principal, “aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra”. Porque “nada há de mais sólido, mais consistente e mais

---

<sup>47</sup> HALÍK, Tomás. **A noite do confessor**: a fé cristã num mundo de incerteza. Tradução de Maria do Rosário Pernas. Petrópolis: Vozes, 2016. p. 218-239.

<sup>48</sup> FLORES, J. P. apud CINTRA. “Em resumo: como regra, é preciso apresentar o Evangelho em sua globalidade e totalidade desde o início. Como primeira modalidade, são propostos os dados essenciais e centrais da mensagem cristã. A seguir, gradualmente, far-se-á a explicitação deles nas fases sucessivas do catecumenato ou na iniciação cristã dos batizados”. GEVAERT, 2009, p. 100-101.

sábio que esse anúncio” e “toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do Querigma”.<sup>49</sup>

Como o Querigma é o fundamento da fé, seu conteúdo principal e primeiro, deverá permear todo o empenho catequético e continuar ressoando em toda pregação cristã. Será necessário expô-lo com mais ênfase e, diante dele, ousar questionar os catequizandos em aceitá-lo ou não. Tal “choque” parece fazer parte da adesão convicta.<sup>50</sup> Se as bases não são bem postas, não será a catequese como a casa construída sobre a areia? Deve-se ter clareza do objetivo do anúncio querigmático: como proposta, ele não visa à simpatia dos ouvintes pela pessoa de Jesus, mas quer suscitar a fé e a conversão.

Ora, o primeiro anúncio do Evangelho não pode dizer que alcançou a própria finalidade quando a pessoa interessada, depois de um itinerário mais ou menos longo, encontra-se tocada ou impressionada pelo compromisso caritativo, compassivo e operante de Jesus de Nazaré para com os pobres, os doentes, as pessoas abandonadas, todos aqueles que, de algum modo, são discriminados pela sociedade, e considera, portanto, tal personagem como uma espécie de protótipo da pessoa humana comprometida com a libertação e a promoção ao próximo. Esses aspectos, na medida em que estão efetivamente documentados nos textos do Novo Testamento, certamente não são negligenciáveis, mas deveriam ser passos de um caminho que vai além e que deve ir mais além.<sup>51</sup>

Mais além, deve chegar à adesão a Jesus de Nazaré como o Cristo, enviado de Deus. Só esta convicção será fundamento

---

<sup>49</sup> FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família**. Brasília: CNBB, 2016. p. 47. (Documentos Pontifícios, 24); AL 58.

<sup>50</sup> “O caráter *pascal* da fé cristã [...] reside na experiência de dois ‘choques’. O primeiro desses choques é ‘a cruz’ – a *perda total das certezas anteriores*, ‘debruçando-se sobre a noite do não ser’ [...]. O segundo tremor confronta-se e ultrapassa o desespero e a resignação em que somos tentados a cair nos momentos de derrocada, encontrando assim *uma segurança de um ordem diferente*, que lentamente atravessa – como um raio de *esperança* – a escuridão em que os abalados mergulharam”. HALÍK, 2016, p. 221, grifo do autor.

<sup>51</sup> GEVAERT, 2009, p. 81.

sólido para abraçar sua proposta em toda a sua profundidade de salvação. Obviamente, sendo o Querigma, aqui, ponto de partida, não se deve exigir do simpatizante uma escolha definitiva e acabada, porque a consolidação de sua fé se dará no processo catecumenal.

O anúncio querigmático enquanto tal se faz, primeiramente, aos que não conhecem Jesus Cristo. Não obstante, frente às características da cultura contemporânea, dentre elas a fluidez e a relatividade das convicções, também entre os já iniciados será necessários, muitas vezes, um processo de re-iniciação, ou de “segundo primeiro anúncio”, reavivando a fé na Páscoa do Senhor e incitando ao aprofundamento da vida de cada fiel, pessoal e comunitariamente. Aqui se encontra um desafio para a pastoral da Igreja, uma espécie de catequese querigmática permanente, em franco espírito missionário *ad intra*, numa Igreja em estado permanente de missão. Neste sentido, as *Diretrizes Gerais da CNBB 2011-2015* apontavam que “até mesmo o discípulo missionário é, para si, um destinatário da missão, na medida em que está inserido nesta mudança de época, com referências flácidas e valores nem sempre efetivamente sedimentados”<sup>52</sup>. É a consciência de que a evangelização é dinâmica e sempre precisa ser renovada. Além disso, considera a passagem do catolicismo cultural para a necessidade de maior adesão por convicção pessoal. Neste “tempo de testemunho”, toda a comunidade é convocada a um “redescobrir missionário”<sup>53</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a Igreja existe para anunciar Jesus Cristo e continuar sua obra, uma de suas primeiras tarefas certamente será fazer ecoar o Querigma: Jesus Cristo é o Senhor, morto e ressuscitado. Aí está

---

<sup>52</sup> CNBB. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 36; DGAE 31.

<sup>53</sup> CNBB, 2011, p. 38; DGAE 33.

a base de todo o discipulado missionário, na adesão da pessoa a Cristo como seu salvador, aquele que preenche de sentido a vida humana já nesta terra, enquanto aponta para a vida eterna. O Querigma, primeiro anúncio em ordem e valor, será sempre fundamental na vida da comunidade cristã, não só para seus novos membros, mas para renovar continuamente a fé dos que já pertencem à Igreja.

Em tempos líquidos, o anúncio de Jesus Cristo acontecerá como primeiro anúncio aos que descobrem a fé, mas, também, como “segundo primeiro anúncio” aos que a redescobrem, aprofundando o significado da fé que já receberam inclusive pelos sacramentos. Daí a atualidade perene do Querigma e sua pertinência especialmente hoje, quando se quer formar cristãos comprometidos com o Evangelho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERICH, Emilio. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. Tradução e adaptação de Luiz Alves de Lima. São Paulo: Salesiana, 2004.

BIFET, Juan E. **Kerigma**. Disponível em:

<<https://compartirencristo.wordpress.com/mision/vocabulario-mision/>>. Acesso em: 29 maio 2015. Não paginado.

BÖSEN, Willibald. **Ressuscitado segundo as escrituras**: o fundamento bíblico da fé pascal. Tradução de Renatus Porath. São Paulo: Paulinas, 2015. (Bíblia e história. Série maior).

CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe. 3. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

CÉSAR, Danilo. Homilia: anúncio querigmático em vista da fé. **Revista de liturgia**, São Paulo, ano 43, n. 256, p. 24-26, 2016.

CINTRA, I. **O Querigma precede a catequese**. Disponível em:

<<http://catequeseebiblia.blogspot.com.br/2012/05/o-Querigma-precede-catequese.html>>. Acesso em: 11 maio 2015. Não paginado.

CNBB. **Anúncio querigmático e evangelização fundamental**. Brasília: Edições CNBB, 2009. (Subsídios doutrinários, 4).

\_\_\_\_\_. **Comunidade de comunidades:** uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos, 100).

\_\_\_\_\_. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.** 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CRISTÓVÃO; JEANNE, M.; ROSÁRIO, M. (ISPAC). **Novos rumos da catequese.** São Paulo: Paulinas, 1966. (Horizontes da Catequese, 2).

ETCHEGARAY, Roger. **Vou andando como um jumento.** Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1986.

FRANCISCO. Bula de proclamação do Jubileu extraordinário da misericórdia *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, 2015.

\_\_\_\_\_. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2013. Disponível em:

<[http://m2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/Papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://m2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/Papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)>. Acesso em: 18 maio 2015. Não paginado.

FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família.** Brasília: CNBB, 2016. (Documentos Pontifícios, 24).

GESCHÉ, Adolphe. **O sentido.** Tradução de Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2005. (Deus para pensar, 7).

HALÍK, Tomás. **A noite do confessor:** a fé cristã num mundo de incerteza. Tradução de Maria do Rosário Pernas. Petrópolis: Vozes, 2016.

LELO, Antônio F. Introdução. In: GEVAERT, Joseph. **O primeiro anúncio:** finalidade, destinatários, conteúdos, modalidade de presença. Tradução de Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2009. (Pedagogia da fé).

LIMA, Luiz A. O que é Querigma? **Revista de Catequese**, São Paulo, n. 109, p. 6-20, 2005.

NENTWIG, Roberto. **Iniciação à comunidade cristã:** a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção catequética).

NÚCLEO DE CATEQUESE PAULINAS. **Querigma:** a força do anúncio. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 30. (Coleção Pastoral litúrgica).

SUENENS, L. J. **O Espírito Santo, nossa esperança.** 2. ed. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Paulinas, 1975.



# LINHAS DE FORMAÇÃO PARA OS FUTUROS MINISTROS DE CATEQUESE SEGUNDO O RITUAL DE INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS - RICA<sup>1</sup>

*Elilzo Marques de Oliveira<sup>2</sup>  
João dos Santos Barbosa Neto<sup>3</sup>*

**Resumo:** Neste artigo busca-se apresentar uma proposta inovadora que englobe os aspectos litúrgicos, pedagógicos e catequéticos na formação dos catequistas. O catequista é a maior expressão do Ministério de Catequese. Este Ministério de Catequese ocupa-se da formação dos catequistas, do acompanhamento dos catequizandos e do plano pastoral de catequese nos âmbitos diocesano e paroquial. Nessa perspectiva salienta-se a formação dos catequistas utilizando as linhas de formação do caminho catecumenal apresentado pelo Ritual de Iniciação Cristã Adulta (RICA), como modelo e paradigma para a formação dos futuros ministros de catequese. O ano litúrgico torna-se o período privilegiado para o amadurecimento das dimensões humana, espiritual e intelectual dos catequistas. Ao final desse itinerário, os candidatos realizarão um escrutínio e poderão ser admitidos no Ministério de Catequese.

**Palavras-chave:** Ministério da Catequese. Teologia Catequética. Teologia Pastoral.

## INTRODUÇÃO

A Igreja em sua missão de catequizar dedica grandes esforços à formação integral dos agentes de pastoral encarregados

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na *Revista de Catequese*, nº 149, ano 40 (ISSN 1676-2630).

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia (SEDAC/MT), Bacharel em Teologia (SEDAC/MT), Mestre em Teologia (UPS/ITÁLIA). Sacerdote Arquidiocesano de Cuiabá. E-mail: <elilzo@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Licenciado em Filosofia (UCDB/MS), Bacharel em Teologia (UPS/ITÁLIA), Pós-graduado *lato sensu* em Counseling (IATES/PR), Pós-graduado *lato sensu* em Psicopedagogia (UCDB/Portal Educação), Mestre em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA) e Doutorando em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA). Salesiano Sacerdote. E-mail: <joaoneto@missaosalesiana.org.br>.



dessa tarefa, que é uma preocupação permanente e viva. Nesse sentido, o Diretório Geral para a Catequese registra que é preciso “organizar adequadamente a formação dos catequistas no que concerne tanto à formação de base quanto à formação permanente”<sup>4</sup>.

O Diretório Nacional de Catequese, tendo consciência da prioridade na formação e preparação integral do catequista, ensina da seguinte forma:

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres *é prioridade absoluta*. Qualquer atividade pastoral que não conte, para sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade<sup>5</sup>.

Os bispos do Brasil, seguindo as indicações do Diretório Geral para a Catequese, afirmam que a Igreja como sujeito global da catequese é também espaço próprio dos serviços e ministérios. É dentro da Igreja e a serviço de sua vida e de sua missão que se situam os serviços e os ministérios<sup>6</sup>.

A própria Conferência dos Bispos do Brasil afirma que “ministério não é poder. Ministério não é honra. Ministério não é prêmio. Ministério não é distintivo de superioridade. Ministério não é título de desigualdade. Ministério é *diakonia*, isto é, serviço suscitado e sustentado pelo Deus amor”<sup>7</sup>. É importante que o reconhecimento por parte da Igreja fosse dispensável se se tratasse de um simples serviço, mas é imprescindível quando se trata de um ministério. A Igreja reconhece que, “no conjunto de ministérios e

---

<sup>4</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2009, n. 233.

<sup>5</sup> CNBB. *Diretório Nacional da Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006, n. 252. (Documentos da CNBB 84).

<sup>6</sup> Cf. CNBB. *Ministério do Catequista*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 43. (Estudos da CNBB 95).

<sup>7</sup> Idem, p. 44.

*Linhas de Formação para os Futuros Ministros de Catequese Segundo o Ritual de Iniciação Cristã De Adultos - RICA* serviços com os quais ele realiza a sua missão evangelizadora, ocupa lugar destacado o ministério da catequese”<sup>8</sup>.

O serviço da catequese, embora desempenhado por meio de muitos agentes terá sempre o objetivo de educar a fé e acompanhar o seu amadurecimento tanta na realidade da diocese quanto da paróquia. “A catequese tem sido sempre e continuará a ser uma obra pela qual toda a Igreja se deve sentir e mostrar responsável. Os membros da Igreja, é certo, têm responsabilidades distintas, segundo a missão de cada um” (Cf. CT 16)<sup>9</sup>; a responsabilidade mesmo que diferenciada é comum e, embora comum, é diferenciada. Cada agente é chamado a realizar a própria vocação eclesial (com seu dom e carisma), em sua condição concreta de modo interdependente com os outros membros da Igreja que colaboram com o Ministério da Catequese.

O sujeito ativo da ação evangelizadora, no entanto, é em última instância a Igreja particular. A *Sacrosanctum Concilium* orienta desta forma: “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é ‘sacramento de unidade’, isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos” (SC 26)<sup>10</sup>. E por sua vez o Diretório Nacional de Catequese confirma e reforça que a catequese é uma atividade de várias pessoas, pois é “através dos seus vários agentes, que atuam em seu nome, que a Igreja anuncia, catequiza, batiza, celebra a Eucaristia” (DNC 242)<sup>11</sup>.

Desse modo, numa Igreja toda ministerial, o catequista é chamado a assumir seu papel de ministro, num Ministério que não é ligado a um sacramento, mas a um serviço de grande relevância,

---

<sup>8</sup> Idem, p. 39.

<sup>9</sup> CF. JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*, 16 de outubro de 1979, in AAS 71 (1979) 1277-1340.

<sup>10</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium*, 04 de dezembro de 1963, in AAS 56 (1964) 97-133.

<sup>11</sup> CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB 84).

pois faz parte da essência da missão evangelizadora na tradição da Igreja. O Ministério da Catequese é responsável por tudo o que diz respeito à catequese: a formação dos catequistas, o acompanhamento dos catequizandos, as metodologias dos encontros, os materiais didáticos e pedagógicos e, por fim, do plano pastoral de catequese nos âmbitos diocesano e paroquial.

A eficácia da catequese depende da seriedade do trabalho orgânico de todos os agentes:

A totalidade da catequese só se dá na totalidade dos sujeitos, dos agentes, dos âmbitos, das modalidades e dos meios que formam o rosto completo da mensagem e da realidade eclesial que catequistas e catequizandos dialeticamente compartilham: ‘se faltasse alguma dessas formas de presença, a catequese perderia parte de sua riqueza e significação’ (DGC 219) na Igreja<sup>12</sup>.

## **1 TORNAR-SE MINISTRO DE CATEQUESE CONFORME O RICA**

A opção por essa proposta de formação parte da liturgia como fonte e experiência espiritual que conduz a pessoa à opção fundamental por Cristo: “Para mim, de fato, o viver é Cristo” (Fp 1, 21). Aproveita-se da riqueza e profundidade do ano litúrgico como itinerário formativo dos candidatos a catequista do Ministério da Catequese a viverem do que a “liturgia faz viver: o perdão invocado, a Palavra de Deus escutada, a ação de graças elevada, a Eucaristia recebida como comunhão. Se vivem da liturgia, os fiéis viverão de Cristo e para Cristo”<sup>13</sup>.

A harmonia entre o processo formativo e a ação litúrgica fornece a possibilidade de atingir a interioridade das dimensões do ser humano, num processo que plasma as vontades e decisões da pessoa aquelas de Jesus Cristo. Nessa linha, assim diz o texto ‘*Educare alla vita buona del Vangelo*’:

---

<sup>12</sup> CNBB. *Ministério do Catequista*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 47. (Estudos da CNBB 95).

<sup>13</sup> BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*, Brasília: CNBB, 2014, p. 09.

A liturgia é escola permanente de formação ao redor do Senhor ressuscitado, local educativo e revelador no qual a fé adquire forma e é transmitida. Na celebração litúrgica o cristão aprende a degustar como é bom o Senhor, passando do nutrimento do leite ao alimento sólido (cf. Hb 5, 12-14), ‘até atingir a medida da plenitude de Cristo’ (Ef 4, 13). Entre as numerosas ações desenvolvidas pela paróquia, nenhuma é tanto vital ou formativa para a comunidade quanto a celebração dominical do Senhor e da Eucaristia<sup>14</sup>.

O teólogo e liturgista Damásio Medeiros explica esse texto da seguinte forma: “esta citação nos ajuda a entrever a tarefa da pastoral litúrgica, traduzida em termos praticáveis, colhida como lugar de revelação e educação, manifestando desse modo o verdadeiro objetivo da educação cristã”<sup>15</sup>. Além disso, ele sintetiza e esclarece a riqueza da liturgia para a formação:

Na liturgia, pela sua própria natureza, há uma eficácia pedagógica, porque introduz os fiéis ao conhecimento do mistério celebrado. Por isso, na tradição antiga da Igreja, sem descuidar da inteligência sistemática dos conteúdos da fé, o caminho formativo do cristão assumia sempre um caráter experimental, em que era determinante o encontro vivo e persuasivo com Cristo, anunciado por uma testemunha autêntica. Nesse sentido, quem introduz nos mistérios é, sobretudo, uma testemunha, um discípulo missionário do Senhor Jesus.<sup>16</sup>

A inspiração desse itinerário provém da Arquidiocese de Cuiabá, pioneira na regulamentação, formação e divulgação do Ministério da Catequese no Brasil. Em seu Sínodo Arquidiocesano foi definida a necessidade de um tirocínio no período inicial de formação dos futuros Ministros de Catequese: “para se receber a investidura no Ministério do Catequista é necessário o tirocínio

---

<sup>14</sup> CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Educare alla vita buona del Vangelo*. Orientamenti pastorali dell’episcopato italiano per il decennio 2010-2020, 4 ottobre 2010, n. 39.

<sup>15</sup> MEDEIROS, Damásio. La nuova evangelizzazione nella prospettiva della pastorale liturgica. *Salesianum* 75 (2013) 1, p. 76.

<sup>16</sup> MEDEIROS, Damásio. La nuova evangelizzazione nella prospettiva della pastorale liturgica. *Salesianum* 75 (2013) 1, p. 81.

prático de três anos”<sup>17</sup>. Aqui se insere a sugestão deste artigo: este tirocínio, feito na comunidade, terá no catecumenato sua principal inspiração e na liturgia do Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) sua concretização com uma proposta formativa de três anos.

Os tempos e as celebrações do itinerário catecumenal para a Iniciação Cristã serão adaptados para a formação do leigo visando ao Ministério da Catequese. Essa perspectiva é de caráter pedagógico-catecumenal.

O RICA prevê uma formação estreitamente “unida à história da salvação; restaura-se a antiga tradição de ensinar, a partir do próprio mistério. A história da salvação, apresentada ao candidato, faz perceber que a sua história pessoal e a da salvação da humanidade estão em estreita relação”<sup>18</sup>. Soma-se a isso a possibilidade de articular internamente ao processo formativo os três momentos do ministério da fé (o proclamar, o celebrar e o viver), da iniciação cristã à mistagogia<sup>19</sup>.

Para favorecer a interação entre liturgia e catequese, o “RICA segue o critério da progressividade, a fim de iniciar um adulto na fé”<sup>20</sup>. O padre Alves de Lima, seguindo o RICA, afirma esquematicamente que o processo catecumenal é organizado em quatro tempos (períodos ou fases) e em três grandes celebrações ou etapas, das quais participam membros da comunidade, parentes e amigos: “O pré-catecumenato (1º tempo): rito de admissão ao catecumenato (1ª etapa). O catecumenato (2º tempo): celebração da eleição ou inscrição do nome (2ª etapa). A purificação e iluminação (3º tempo): celebração dos sacramentos (3ª etapa). A mistagogia (4º tempo)”<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> SANTOS, Milton dos. *Sínodo Arquidiocesano de Cuiabá*. Campinas: Art Brasil, 2008, n. 33. (Documento Conclusivo).

<sup>18</sup> LELO, Antônio Francisco. *Pedagogia Catecumenal: moda ou herança?* *Revista de Catequese* 32 (2009) 125, p. 14.

<sup>19</sup> MEDEIROS, Damásio. *La nuova evangelizzazione nella prospettiva della pastorale liturgica*, p. 71.

<sup>20</sup> LELO, Antônio Francisco. *Pedagogia Catecumenal: moda ou herança?*, p. 14.

<sup>21</sup> LIMA, Luiz Alves de. *Iniciação à Vida Cristã*. *Revista de Catequese* 32 (2009) 127, p. 42.

## **2 O TEMPO DA PRIMEIRA EVANGELIZAÇÃO OU DO PRÉ-CATECUMENATO (1º TEMPO)**

Este é um momento de acolhida na comunidade cristã, de busca e de preparação para o encontro pessoal com Jesus Cristo, como bem orienta Papa Francisco:

Ao designar-se como primeiro este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo porque é o principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos (EG 164)<sup>22</sup>.

Recomendam-se quatro meses para o desenvolvimento do primeiro tempo, utilizando-se os meses temáticos de evangelização da Igreja. Inicia-se no mês vocacional de agosto, ao redor do dia 24 quando se celebra o Dia do Catequista, percorre-se os meses de setembro (mês da Bíblia), outubro (mês das Missões) e novembro, aproveitando-se de seus argumentos catequéticos para reforçar a formação com ações pastorais na comunidade cristã. Todo o percurso deve ser feito na paróquia, conduzido pelo pároco e pela equipe do Ministério da Catequese.

Em agosto serão feitos vários anúncios vocacionais em consonância com a Igreja do Brasil, evidenciando a vocação de catequista ao interno do Ministério da Catequese. Os candidatos, previamente acompanhados pelo pároco, redigirão uma carta pedindo para iniciarem o processo de formação. Após terem os pedidos acolhidos, os candidatos serão apresentados à comunidade paroquial em 24 de agosto (Dia do Catequista), durante a celebração eucarística. Seguindo as orientações do RICA, sugere-se que os candidatos ingressem na celebração acompanhados pelos

---

<sup>22</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 24 de novembro de 2013, in AAS 105 (2013) 1019-1137.

seus padrinhos. Cada um deles “representa a comunidade cristã local, acompanha o candidato no dia da eleição, na celebração dos sacramentos e durante o tempo da mistagogia”<sup>23</sup>.

O *Querigma* será feito da seguinte maneira ao grupo de candidatos: em setembro, com o estudo, oração e meditação do evangelho do ano litúrgico corrente. Encontros frequentes para juntos lerem e meditarem sobre a palavra dominical de Deus produzirão fecundos efeitos na preparação da liturgia dominical e um necessário aprofundamento bíblico em todas as pastorais.

Em outubro, por meio de formação com conteúdo missionário: cristológico, bíblico, eclesiológico, formação de comunidade, universalidade da Salvação, piedade religiosa... Na medida do possível, essa formação culminará em ações durante as santas missões populares que promovam um encontro pessoal com Jesus Cristo, capazes de provocar uma conversão de vida. Esse período de primeira evangelização será concluso na solenidade de Cristo Rei do Universo. Essa celebração também comemora o Dia Nacional do Leigo e da Leiga.

Os candidatos, então, com o pároco, com a equipe do Ministério da Catequese e com os padrinhos serão convidados para um escrutínio de discernimento. Após o escrutínio, aqueles que obtiverem do pároco um parecer positivo serão convidados a iniciarem o catecumenato e nominados ajudantes de catequistas.

### **3 O TEMPO DO CATECUMENATO (2º TEMPO)**

Este período deve conduzir a uma sólida formação de base e de um contínuo amadurecimento vocacional. Por isso é importante que seja um tempo “suficientemente longo para: Catequese; Reflexão; Aprofundamento; Vivência Cristã;

---

<sup>23</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. São Paulo: Paulus, 2011, n. 43.

*Linhas de Formação para os Futuros Ministros de Catequese Segundo o Ritual de Iniciação Cristã De Adultos - RICA*  
Conversão; Entrosamento com a Igreja. A 2ª etapa de preparação para os sacramentos, através do rito da eleição”<sup>24</sup>.

Com o objetivo de se tornar discípulo de Jesus Cristo e servir a comunidade cristã como ministro da catequese, busca-se aprofundar a vivência cristã na conversão, no engajamento e na missão da Igreja. É um período longo de aproximadamente dois anos, iniciando-se no *Advento*.

É fundamental que no decorrer desse tempo os candidatos frequentem cursos preparatórios que os capacitem no exercício do ministério. Os cursos devem ser preparados por profissionais devidamente qualificados, de maneira sistemática e frequente e cumpram o objetivo de desenvolver as habilidades e competências cristológica, bíblica, litúrgica, pedagógica e catequética nos candidatos. A realização desse curso deverá ser na diocese ou, se as circunstâncias permitirem, pode ser desenvolvido na paróquia. É importante o respeito a um currículo pré-estabelecido e a uma adequada avaliação durante e ao final do curso.

Importantíssimo é o acompanhamento da comunidade eclesial por meio de determinadas figuras em todo o percurso formativo. Aqui se volta a afirmar a importância do pároco, da equipe do Ministério da Catequese e do padrinho escolhido pelos candidatos. O RICA, apesar de permitir a livre escolha do padrinho, dá a seguinte orientação: “o candidato para ser admitido entre os catecúmenos seja acompanhado por um ‘garante’, homem ou mulher, que o conheça, o tenha ajudado e possa dar testemunho dos seus costumes, da sua fé e da sua vontade”<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> LIMA, Luiz Alves. Iniciação à Vida Cristã. *Revista de Catequese* 32 (2009) 127, p. 42.

<sup>25</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. São Paulo: Paulus, 2011, n. 42.



#### 4 O TEMPO DA PURIFICAÇÃO E DA ILUMINAÇÃO (3º TEMPO)

Esse é o período de preparação imediata para o ministério, definido pelo RICA:

Os catecúmenos são objeto de uma preparação interior mais intensa. Esta tem mais em vista o recolhimento espiritual do que a catequese, e destina-se à purificação do coração e da mente, através do exame de consciência e a penitência, e à sua iluminação por meio do conhecimento mais aprofundado de Cristo Salvador. Tudo isto se faz por meio de vários ritos, sobretudo pelos escrutínios e pelas tradições ou entregas<sup>26</sup>.

Este tempo coincidirá com a Quaresma e a Semana Santa. No III, IV e V domingos da Quaresma serão celebrados os escrutínios, com a entrega do *Símbolo da fé* e da *Oração do Senhor – Pai Nosso*. Além das bênçãos aos candidatos nas missas da comunidade paroquial, sugere-se a realização de catequeses práticas com a Campanha da Fraternidade<sup>27</sup>.

A liturgia da Palavra deve ser valorizada (orações bíblicas, *lectio divina*, estudos bíblicos) revelando-se um momento importantíssimo para se entrar em contato e conhecer o Verbo encarnado. Nas missas, as leituras deverão ser feitas diretamente do Lecionário. Esse é um livro “que recolhe e proclama a mensagem da palavra de Deus, sobretudo, na liturgia dominical, goza de uma sua dignidade, porque constitui o depósito físico da Palavra”<sup>28</sup>.

Este período é propício para experimentar o infinito amor de Deus por meio de uma boa preparação ao sacramento da Reconciliação. “A celebração deste sacramento é verdadeiro encontro com Cristo Redentor porque, através da Igreja, Jesus

---

<sup>26</sup> Idem, n. 25.

<sup>27</sup> CF. LIMA, Luiz Alves de. Iniciação à Vida Cristã. *Revista de Catequese* 32 (2009) 127, p. 42.

<sup>28</sup> MEDEIROS, Damásio. Liturgia luogo privilegiato della parola di Dio. Considerazioni tra animazione liturgica e inculturazione. *Rivista Liturgica* 99 (2012) 2, p. 324.

*Linhas de Formação para os Futuros Ministros de Catequese Segundo o Ritual de Iniciação Cristã De Adultos - RICA* acolhe e perdoa os que se encontram em estado de pecado, de fraqueza”<sup>29</sup>.

Recomenda-se que o rito de celebração do Ministério da Catequese seja realizado, ou na Vigília Pascal, ou no III Domingo de Páscoa. Entretanto ressalta-se que a escolha da data será definida pelo pároco e pela equipe de Ministério da Catequese.

## **5 O TEMPO DA MISTAGOGIA (4º TEMPO)**

Este período deve ter um caráter formativo progressivo destinado aos novos ministros da catequese. Com a comunidade, os novos ministros “aprofundam mais o mistério pascal e procuram traduzi-lo cada vez mais na vida pela meditação do evangelho, pela participação na Eucaristia e pelo exercício da caridade”<sup>30</sup>.

Essa formação será conduzida pela equipe de Ministério da Catequese com o objetivo de aprofundar o serviço ministerial, cujo modelo é o ministério Pascal de Cristo, no sentido da fé. É também necessário perscrutar o mistério cristão nos sacramentos iniciais (batismo, comunhão e crisma) para o amadurecimento da vida na Igreja como luz e sal para o mundo<sup>31</sup>.

Esta etapa “significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervêm toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã” (EG 166). O progresso desse processo formativo conduzirá o ministro a ajudar com mais eficácia os demais irmãos na comunidade e na catequese ao amadurecimento da fé. Este período durará todo o *Tempo Pascal* e será concluso na solenidade de Pentecostes com uma celebração eucarística na solenidade de *Corpus Christi*.

---

<sup>29</sup> CNBB. *Sou Católico*. Vivo minha fé. Brasília: CNBB, 2007, p. 105.

<sup>30</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. São Paulo: Paulus, 2011, n. 37.

<sup>31</sup> Cf. LIMA, Luiz Alves de. Iniciação à Vida Cristã. *Revista de Catequese* 32 (2009) 127, p. 42.

## 6 O TEMPO DA MISSÃO

Este ministério é dom recebido para ser doado para os outros, por isso ele entra perfeitamente na dinâmica da Igreja em saída. Aflora a dimensão missionária do ministro que, consciente de participar da missão da Igreja e ser enviado por Jesus Cristo, testemunha o evangelho e a vida onde quer que esteja.

O protagonismo missionário não se pauta num carisma específico ou numa grande figura carismática, mas no povo de Deus em seu permanente estado de missão. A ação a ser desenvolvida pelos ministros de catequese não é algo isolado, mas faz parte do plano global de evangelização da diocese plasmada por esse grande projeto da missão continental para o Brasil e para a América Latina.

O RICA ressalta esta missão:

Mostra-se, portanto, o mais pronto possível a dar a sua ajuda àqueles que procuram a Cristo, cumprindo assim a sua missão apostólica. Nas várias circunstâncias da vida quotidiana, como no apostolado, o discípulo de Cristo, seja ele quem for, tem o dever de propagar a fé, conforme as suas possibilidades. Consequentemente, ele deve ajudar os candidatos e os catecúmenos ao longo de toda a iniciação, no pré-catecumenato, no catecumenato e no tempo da mistagogia.<sup>32</sup>

O dia sugerido para os leigos, que receberam das mãos do bispo diocesano o ministério de catequese, serem apresentados para a comunidade paroquial é 24 de agosto, pois, como aqui se disse, celebra-se o Dia do Catequista. Durante a celebração, eles serão enviados em missão na paróquia para atuar, auxiliar e acompanhar todo o serviço desenvolvido pelo Ministério de Catequese paroquial. Acompanharão, principalmente, o processo de iniciação cristã das novas gerações e como padrinho dos candidatos que

---

<sup>32</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. São Paulo: Paulus, 2011, n. 41.

*Linhas de Formação para os Futuros Ministros de Catequese Segundo o Ritual de Iniciação Cristã De Adultos - RICA*  
farão todo o percurso catecumenal de formação durante os três anos conforme determinado pela diocese.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Procurou-se apresentar uma proposta de linha formativa para a preparação inicial dos futuros ministros de catequese. Tal preparação realizada na comunidade eclesial terá como caminho concreto o Ritual de Iniciação Cristã Adulta – RICA. Trata-se de uma formação conforme uma pedagogia catecumenal, envolvendo toda a comunidade eclesial, uma verdadeira introdução e treinamento à vida cristã.

A linha de formação, descrita dentro da atmosfera da comunidade eclesial, é constituída por um itinerário litúrgico, catequético e pedagógico por intermédio do RICA. Esse percurso serve como uma bússola pedagógica e ambiente vital, para o triênio da formação inicial dos futuros agentes do Ministério de Catequese.

Essa formação catecumenal envolve toda a comunidade eclesial, uma verdadeira introdução e treinamento à vida cristã, e não somente uma formação escolástica, de tipo frontal, preocupada apenas com a transmissão de ideias. Nesse processo formativo, a Bíblia, a liturgia e o testemunho são três elementos que se completam. Assim, a “Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar” (EG 24).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: CNBB, 2014.

CNBB. *Diretório Nacional da Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB 84).

\_\_\_\_\_. *Ministério do Catequista*. São Paulo: Paulus, 2006. (Estudos da CNBB, 95).

\_\_\_\_\_. *Sou Católico*. Vivo minha fé. Brasília: CNBB, 2007.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia Sacrosanctum Concilium*, 04 de dezembro de 1963, in AAS 56 (1964).

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Educare alla vita buona del Vangelo. Orientamenti pastorali dell'episcopato italiano per il decennio 2010-2020*, 4 Ottobre 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 24 de novembro de 2013, in AAS 105 (2013).

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*, 16 de outubro de 1979, in AAS 71 (1979).

LELO, Antônio Francisco. *Pedagogia Catecumenal: moda ou herança?* *Revista de Catequese* 32 (2009) 125.

LIMA, Luiz Alves. *Iniciação à Vida Cristã*. *Revista de Catequese* 32 (2009) 127.

MEDEIROS, Damásio. *La nuova evangelizzazione nella prospettiva della pastorale liturgica*. *Salesianum* 75 (2013).

\_\_\_\_\_. *Liturgia luogo privilegiato della parola di Dio. Considerazioni tra animazione liturgica e inculturazione*. *Rivista Liturgica* 99 (2012).

SANTOS, Milton dos. *Sínodo Arquidiocesano de Cuiabá. Documento Conclusivo*. Campinas: Art Brasil, 2008.

# A INICIAÇÃO CRISTÃ A PARTIR DE JO 1,35-42

*Dr. Vanderlei de Oliveira Farias<sup>1</sup>  
Pe. Wilton dos Santos Bento<sup>2</sup>*

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão sobre o Evangelho segundo João, referindo-se ao primeiro chamado dos discípulos. É importante perceber a iniciativa de Jesus, indo ao encontro dessas pessoas. Os evangelistas Marcos e Mateus dizem que foi à beira da praia que Jesus chamou Pedro, André e, mais adiante, Tiago e João (Mc 1,16-20; Mt 4,18-22) e também Lucas menciona à beira mar, mas com relato diferente (5,1-11). Jesus Cristo forma e ensina os discípulos através de uma Catequese centrada na Palavra, no contato com o povo e na dinâmica do Seu Reino de Amor.

O evangelista João tem uma forma bastante particular de relatar o início da primeira Comunidade formada por Jesus. Chama atenção o fato de João expor o chamado de uma maneira bem existencial, apresentando os vários chamados e o encontro interior dos discípulos com Jesus. O encontro pessoal com Jesus é que dá um sentido diferente para a vida dessas pessoas se transformar em berço e sustento da resposta ao chamado. Mas como vai ocorrendo o processo de aprendizagem para ser seguidor de Jesus, segundo João?

O Evangelho segundo João é formado por uma Catequese muito bem elaborada. Ele não relata como formou a primeira Comunidade, mas salienta em detalhes a maneira como Jesus se relacionou com as pessoas e seu contributo para a fé da Comunidade. No decorrer dos 21 capítulos, João busca revelar quem é Jesus e o processo de ensino. O escrito relata várias vezes o

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia PUC/RS; Doutor em Filosofia Uni-Kaiserslautern Alemanha; Diretor Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Passo Fundo.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Ciências Humanas, Itepa Faculdades.

diálogo de Jesus com as pessoas que se constitui em verdadeiros encontros catequéticos. Neste sentido, João demonstra para os seus seguidores como descobrir Jesus, nos encontros no dia a dia da vida pessoal e na vida comunitária, e ser seus discípulos missionários, como no caso da Samaritana (Jo 4,1-42).

A iniciativa é do Senhor Jesus que realiza um convite pessoal ao coração humano a realizar uma experiência ímpar e transformadora. O vocacionado, ao responder ao chamado, passa por um processo de conversão. Quais são estes passos? Será que auxiliam no processo de Iniciação à Vida Cristã atual? Nesta reflexão iremos nos deter em Jo 1,35-42, destacando cinco passos.

### **1. O TESTEMUNHO COMO PONTO DE PARTIDA (JO 1,35-36)**

João Batista deu testemunho a respeito de Jesus, no momento certo, ao apontar para o Cordeiro de Deus e, assim, dando início ao processo de iniciação. A fé vem da Palavra de Deus (Rm 10,17) feita testemunho em João Batista e não de uma mera ideia. O evangelista João relata que dois discípulos ouviram o depoimento de João Batista e seguiram a Jesus (Jo 1,37). Aquele que acolhe a Palavra de Jesus Cristo, levada pelos seus mensageiros, fica na posse da Fé. Ele torna-se um “discípulo”, um “aprendiz”, porque está firme, tem os seus alicerces na garantia da Palavra (Gl 3,2.5; Mt 7,24-28). O relato, no versículo 37, diz ainda que “seguiram a Jesus”.

No período da redação do Evangelho segundo João (por volta do ano 100 d.C., embora se saiba que João tenha sido morto no ano 30 por Herodes Antipas), os discípulos de João Batista continuaram muito fortes, mas não tinham clareza das consequências da adesão à fé de Jesus. Neste sentido, é possível compreender o destaque dado por João ao testemunho do Batista que mostra Jesus como “Cordeiro de Deus”. Esta memória adquire a capacidade de orientar a Comunidade segundo o projeto de Jesus. Nas palavras de José Bortolini,

O Batista testemunha imediatamente não ser ele o Messias. A expressão “eu não sou” deixa espaço aberto para a grande revelação que Jesus fará ao longo do Evangelho: Eu SOU. A seu tempo, veremos o que isso significa. No fim do segundo dia, João Batista dará um testemunho claro de quem é Jesus: “E eu vi, e dou testemunho de que este é o Filho de Deus” (1,34)<sup>3</sup>.

João Batista, conforme o prólogo do Evangelho segundo João, aponta para Jesus quando proclama: “Este é aquele, a respeito de quem eu falei: aquele homem que vem depois de mim passou na minha frente, porque existia antes de mim” (1,15). Assim como fez João, a missão dos primeiros seguidores e das Comunidades Cristãs era testemunhar Jesus. João Batista, ao perceber a aproximação de Jesus, disse: “Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), afirmação que recorda a Páscoa. A experiência que veio depois foi tão forte para os primeiros cristãos que eles mudaram de mentalidade e aderiram a este novo jeito de viver. Eles passaram a chamar Jesus como o novo Cordeiro Pascal, que liberta seu Povo da escravidão (1Cor 5,7; 1Pd 1,19; Ap 5,6.9). Assim como João Batista, que prosseguiu dando testemunho até o fim, as primeiras Comunidades também anunciaram a experiência do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

O testemunho de João Batista continua no terceiro dia. Só que, dessa vez, ele tem diante de si dois de seus discípulos: “Eis aí o Cordeiro de Deus”. Os dois discípulos – ainda sem nome – deixam João Batista e, por causa do testemunho dele, seguem a Jesus. Realiza-se, desse modo, o que o prólogo (1,7) dissera de João Batista: “Ele veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele”<sup>4</sup>.

Ao ressaltar o testemunho de João Batista, o Evangelho segundo João adquire um aspecto pascal desde o seu primeiro capítulo na medida em que apresenta a Jesus como o Cristo, o enviado por Deus para concretizar a promessa do Deus do Êxodo. Esta compreensão foi fundamental para a vivência de fé das

---

<sup>3</sup> José BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João. O caminho da vida*, p.25.

<sup>4</sup> José BORTOLINI, *Como ler o Evangelho de João. O caminho da vida*, p.28.



comunidades joaninas e serve como inspiração para os cristãos do século XXI.

## 2. O INICIADO SE COLOCA EM BUSCA (JO 1,37-31A)

As duas pessoas que estavam com João Batista ouviram o seu testemunho que apontava para o Cordeiro, ou seja, para a memória do êxodo, na qual Jesus, agora, é o que liberta o seu povo (1 Cor 5,7; 1 Pd 1,19; Ap 5,6-9)<sup>5</sup>. Elas tomam a iniciativa de ir até Jesus para conhecê-Lo e criar laços de intimidade. Colocam-se a caminho e, quando o alcançam, começam a dialogar. José Antonio Pagola afirma que “Quando alguém não busca nada na vida e se conforma com ‘ir levando’ ou ser ‘um viverdor’, não é possível encontrar-se com Jesus”<sup>6</sup>.

Não foi o caso destas duas pessoas. Contudo, a iniciativa do diálogo foi do Nazareno que pergunta: “o que é que vocês estão procurando?” (Jo 1,38). Se as pessoas não sabem o que estão procurando não vão encontrar nada. Estas foram as primeiras palavras de Jesus no quarto Evangelho. Ele queria saber o que estavam buscando. Mas “essa pergunta, Ele faz a todos”<sup>7</sup>. Como pergunta o Ressuscitado a Maria Madalena: “A quem está procurando? (Jo 20,15). É como se Jesus estivesse nos indagando: “o que queremos de nossa vida? Qual é o desejo mais profundo que habita em nós?”

As duas pessoas responderam com outra pergunta: “Rabi (que quer dizer Mestre), onde vive?” (Jo 1,38). Jesus, por sua vez, diz: “Venham, e vocês verão” (Jo 1,39). Não diz quem é, nem donde vem e para onde vai. Ao que tudo indica, não se trata de conhecer o “endereço” onde Jesus mora. O desafio é muito maior.

---

<sup>5</sup> “João Batista tinha sido executado por Herodes em torno do ano 30. Mas até o final do século I, época em que foi escrito o 4º evangelho, a sua liderança continuava muito forte entre os judeus” (Carlos MESTERS, Mercedes LOPES e Francisco OROFINO, *Raio-x da vida*, p. 25).

<sup>6</sup> *Caminho aberto por Jesus: João*, p. 42.

<sup>7</sup> CNBB, *Uma Igreja que acredita*, p.49.

Não basta ouvir apenas o que os outros têm a dizer de Jesus. Para ser discípulo é necessário fazer a própria experiência com Jesus. Em Jesus, Deus armou sua tenda em nosso meio (Jo 1,14).

A experiência ocorre quando a pessoa que se coloca em espírito de busca, superando o medo de abrir novos caminhos, ouve o Espírito. Um dos nomes que as pessoas receberam por estarem seguindo a Jesus era grupo do “Caminho” (At 9,2). Caminha quem está em busca, pois Jesus soube conduzir um processo de encontro que não apenas gerasse admiradores, mas uma Comunidade de Discípulos Missionários.

Portanto, o caminho da Iniciação à Vida Cristã passa pela busca livre para fazer esta experiência com Jesus na Comunidade, deixando-se guiar pelo Espírito de Jesus. Assim vai se inserindo na Comunidade de Fé e abraçando esta grande novidade que Jesus traz, que é o Reino de Deus.

### **3. A SOLIDEZ DA INICIAÇÃO SE DÁ NA EXPERIÊNCIA (JO 1,39)**

As duas pessoas foram e viram onde Jesus morava e permaneceram o dia todo com Ele. O encontro com Jesus, oriundo da busca, serve para realizar discernimento através da experiência: “será que era isso mesmo?” O seguimento passa pelo ver e experimentar para poder testemunhá-Lo. É assim que Jesus foi sendo configurado na vida das pessoas que se colocavam a caminho: isto é, encontrado, experimentado, anunciado e testemunhado. O encontro com Jesus produz mudanças profundas na vida.

O evangelista João considera em detalhes os vários encontros de Jesus com seus vocacionados e como as pessoas mudavam de mentalidade e entravam nesta dinâmica de vida. Estes encontros marcaram para sempre a vida delas. Desde o primeiro encontro, os discípulos foram marcados profundamente em suas vidas que nunca mais esqueceram esta linda experiência. Algo idêntico encontramos em muitos santos:

Lembramos a experiência de São Francisco no encontro com o leproso. Ele já ia passando e, de repente, teve de voltar para trás. No encontro com o leproso, havia algo mais do que o leproso. Esse encontro foi decisivo na sua vocação. O encontro com Deus não se fez pela via da interiorização subjetiva, mas pelo encontro aparentemente casual com o pobre... Deus não aparece como objeto de contemplação, mas como força de atração. Em lugar de discurso, vem-lhe uma pessoa portadora de uma mensagem – que o profeta consegue identificar<sup>8</sup>.

A experiência do dia a dia e a convivência com Jesus possibilitaram aos discípulos perceberem o que estavam procurando para as suas vidas. “Em seu favor, os testemunhos de Jesus e do Pai formam uma única realidade. Assim, crer somente em suas palavras constitui, em relação à motivação, o mais alto grau de Fé (10,37; 14,11; cf. 4,48.50)”<sup>9</sup>.

O testemunho do Senhor necessariamente passa pela experiência. A Comunidade de João fez esta passagem elucidada na sua primeira carta: “A vida se manifestou. Nós a vimos e dela damos testemunho!” (1Jo 1,2).

Estes encontros vão revelando atentamente aquilo que está atrás dos detalhes sobre a identidade de Jesus. Mas, ao mesmo tempo, demonstram o jeito de ser das Comunidades que creem em Jesus e dão testemunho da sua presença. Assim são espelhos que ajudam a descobrir como ocorre a Iniciação à Vida Cristã e realizamos o encontro com Jesus Cristo.

#### **4. A EXPERIÊNCIA LEVA À OPÇÃO (JO 1,39D)**

As duas pessoas, após realizarem a experiência, decidiram ser discípulas de Jesus, realizando a opção fundamental de suas vidas. Anselm Grün afirma: “Em João, os números têm sempre um significado simbólico. Dez é o número da completude, da encarnação, da totalização e do cumprimento. É o número perfeito, o *teleios arithmos*”. O mesmo autor continua salientando: “Tornar-

---

<sup>8</sup> José COMBLIN, *A profecia na Igreja*, p. 247-248.

<sup>9</sup> Bento SILVA SANTOS, *Fé e sacramentos no evangelho de São João*, p.23.

se discípulo significa tornar-se um homem completo, ser introduzido no mistério da encarnação e no cumprimento do desejo profundamente humano de salvação e completude. Se eu morar onde Jesus está, o meu ser humano se completará, estarei pleno e salvo, terei alcançado a minha meta”<sup>10</sup>.

Muitas pessoas fizeram a opção por Jesus que trazia um grande projeto chamado *Reino de Deus*, exigindo mudança de mentalidade e acreditar. O Seu jeito de ser encantou muitas pessoas que fizeram a opção de confiar n’Ele e de mergulhar no Seu estilo de vida. Simultaneamente emergiam dúvidas como, por exemplo, seria possível acreditar que o Messias vinha de uma cidade chamada “Nazaré”, de uma região em que se dizia que não vinha nada de bom? (Jo 1,46). Era impossível. Este Messias vinha de um local nada relevante e, ainda, era pobre?

## 5. QUEM OPTA TORNA-SE MISSIONÁRIO (JO 1,41)

Um dos discípulos é identificado com o nome André (Jo 1,40). André significa aquele que é humano. “Será que o Evangelista quer insinuar que as pessoas só se tornam verdadeiramente humanas depois que fazem a experiência com o Mestre?”<sup>11</sup>. O outro discípulo não é identificado. Uns estudiosos afirmam ser o próprio, o discípulo amado, João<sup>12</sup>. André vai em missão ao encontro de seu irmão e disse: “Nós encontramos o Messias” (Jo 1,41). Depois, conduziu Simão Pedro a Jesus.

---

<sup>10</sup> Anselm GRUN, *Jesus parta para vida*, p.39. No dizer de José Bortolini: “quatro horas da tarde, em linguagem simbólica, é o momento gostoso para o encontro, ou a hora das opções acertadas. O passo dado por esses dois discípulos foi de ótima qualidade. Valeu a pena. Essa opção vai gerar frutos a seguir” (*Roteiros homiléticos*, p. 351).

<sup>11</sup> José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 352.

<sup>12</sup> “É possível que o discípulo anônimo seja idêntico ao ‘outro discípulo’ (18,15-16; 20,2-10) e ao ‘discípulo que Jesus amava’ (13,23-26; 19,25-27; 21,7; 21,20-24)” (Alviero NICCACI; Oscar BATTAGLIA, *Comentaria ao evangelho de São João*, p. 52).

Somos chamados a fazer uma experiência com Deus através do encontro com Jesus, que nos fará missionários. Testemunhar a fé e partilhar o amor de Deus é levar Jesus ao encontro com os necessitados desse Amor. Foi deste modo que a Boa Nova do Reino de Deus se espalhou pelo mundo até os tempos atuais<sup>13</sup>. É possível acontecer conosco o que ocorreu com o irmão de André. Após o encontro com Jesus, Simão teve seu nome mudado para “Cefas” ou Pedro, que significa rocha firme e acolhedora. No contexto bíblico, esta alteração é profunda, pois assinala uma mudança de direção ou caminho de vida.

Do mesmo modo, Jesus apresenta-se como ‘o Caminho, a Verdade e a Vida’ (14,6), isto é, ele é o meio e, ao mesmo tempo, o fim da existência cristã. N’Ele, o discípulo alcança a vida de Deus, porque imita as passadas do Cristo e tenta seguir como Ele<sup>14</sup>.

Percebemos nos exemplos citados de André e de seu companheiro, que fizeram uma experiência com Deus, através do encontro com Jesus, o quanto tiveram suas vidas transformadas. Quando Jesus chama os jovens para segui-LO ocorre uma mudança total de horizonte em suas vidas. Esta passagem bíblica faz refletir o quanto é importante e fundamental para os vocacionados seguir a Jesus Cristo de perto, estudando as Sagradas Escrituras para buscar o verdadeiro sentido do encontro com Cristo, e assim aperfeiçoar sua vocação missionária, para bem servir o povo de Deus, no projeto de salvação do mundo.

A missão dos discípulos no mundo, em coerência com toda a Teologia de Missão do Filho na ‘oração sacerdotal’ (17,3.8.21.23.25), assinala o prolongamento da obra soteriológica de Jesus. A partir do momento em que foram chamados por Jesus,

---

<sup>13</sup> Em 1Ts 1,8, Paulo volta a relacionar Palavra e fé se espalhando: “Na verdade, partindo de vós, a palavra do Senhor, não só ecoou na Macedônia e na Acaia, mas por toda a parte se propagou a fama da vossa fé em Deus, de tal modo que não temos necessidade de falar disso”.

<sup>14</sup> Yves-Marie BLANCHARD, *São João*, p.134.

os discípulos são convidados a participar na mesma missão de salvação do mundo<sup>15</sup>.

A atuação missionária dos discípulos resulta em um caminho de superação de uma postura autorreferente. Depois da experiência com Jesus, o discípulo não anuncia a si mesmo, mas a ação de Deus em sua vida e na vida da Comunidade, que faz parte da obra da salvação conduzida por Deus. As experiências que estes dois ex-discípulos de João Batista tiveram com Jesus transformaram suas vidas e os colocaram no caminho do seguimento a Jesus Cristo, que leva ao Pai.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da reflexão trilhada nesta pesquisa, é possível concluir que o Evangelho segundo João apresenta, com maestria e nuances, o encontro com Jesus e o processo de iniciação cristã de dois discípulos missionários. Além disso, é possível também perceber no Evangelho a missão de Jesus Cristo na terra, que vem ao povo como: o Messias; o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo; a Luz do mundo e a Salvação para todos os pecadores.

Diante dos elementos expostos neste texto, é possível perceber que o Evangelho segundo João apresenta Jesus como a fonte da vida e, simultaneamente, que nos torna plenos através do encontro. Além disso, para a literatura joanina, é fundamental acreditar que o Filho de José, Jesus de Nazaré (Jo 1,45), é Messias (Jo 1,41) e Filho de Deus (Jo 1,49). Estas descobertas do leitor, provavelmente, foram as maiores motivações para a redação do Evangelho em um período mais tardio do que os Sinóticos (Jo 20,31). A experiência com Jesus transforma a vida e nos coloca no caminho do seguimento a Jesus Cristo e na prática de seu Reino de Amor. O encontro revela também, as obras de Jesus, Sua Missão e Seu testemunho de Filho de Deus.

---

<sup>15</sup> Bento SILVA SANTOS, *Teologia do evangelho de São João*, p.233.

Estes relatos, provavelmente, foram os maiores motivos para a redação do Evangelho segundo João, redigido com o objetivo de que creiamos que Jesus Cristo é o Filho de Deus, e, acreditando, tenhamos a vida em seu nome (Jo 20,31).

E João deu testemunho dizendo: “Eu vi o Espírito descer do céu em forma de uma pomba e permanecer sobre Ele. Eu não O conhecia, mas quem me enviou a batizar em água me disse: ‘Aquele em quem vires descer o Espírito e permanecer, é esse que batiza no Espírito Santo’. Eu vi e dou testemunho de que este é o Filho de Deus”<sup>16</sup>.

Como diz João: “Jesus fez ainda muitas outras coisas. Se fossem escritas uma por uma, penso que não caberiam no mundo os livros que seriam escritos” (Jo 21,25). Assim, seguir Jesus Cristo é entrar em um processo de catecumenato, ou seja, de Iniciação à Vida Cristã.

A conclusão que temos com esta afirmação é que o importante foi descrever a missão e os encontros de Jesus Cristo com seus amados e mostrar, também, o que o encontro pessoal com Deus pode ocorrer em diferentes situações, como: na doença, no pecado, na solidão, na morte, no arrependimento, na alegria, no desejo de salvação, entre tantas outras formas.

O importante mesmo é vivenciar essa experiência de transformação e salvação e anunciar a outros o plano de Deus para a vida dos seus filhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, Português. *Bíblia Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000.

BÍBLIA, Português. *Edição Pastoral*. São Paulo: Paulus, 1990.

BLANCHARD, Yves-marie, *São João*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BORTOLINI, José. *Como ler o Evangelho de João. O caminho da vida*. São Paulo: Paulus, 2014.

---

<sup>16</sup> Alviero NICCACI; Oscar BATTAGLIA, *Comentário ao evangelho de São João*, p.49.

\_\_\_\_\_. *Roteiro homilético*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília/São Paulo : Edições CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14). Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2015 (Documentos da CNBB, 102).

\_\_\_\_\_. *Iniciação à Vida Cristã*: Um processo de inspiração catecumenal. 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos de estudo da CNBB, 97).

\_\_\_\_\_. *Uma Igreja que acredita*. São Paulo: Paulinas, 2000.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. Itinerário catequético : Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal. 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II : Constituições, decretos, declarações. 20ª ed., Petrópolis: Vozes, 1989.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

BRUCE, F. F. *João*: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

GRÜN, Anselm. *Jesus porta para a vida*. São Paulo: Loyola, 2006.

NICCACI, Alviero. BATTAGLIA, Oscar. *Comentaria ao evangelho de São João*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1981.

REINERT, João Fernandes. Paróquia e iniciação cristã catecumenal: A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal. *Vida pastoral*. São Paulo, n.309, p. 13-27, maio/jun. 2016.

SILVA SANTOS, Bento. *Fé e sacramentos no evangelho de São João*. São Paulo: Santuário de Aparecida, 1995.

\_\_\_\_\_. *Teologia do evangelho de São João*. São Paulo: Santuário de Aparecida, 1993.





# SENHOR, AFASTA-TE DE MIM PORQUE SOU PECADOR

*Ana Maria Spannemberg<sup>1</sup>  
Pe. Cassiano Alberto Pertile<sup>2</sup>  
Pe. Ivanir Antonio Rodighero<sup>3</sup>*

## INTRODUÇÃO

A dinâmica da Iniciação à Vida Cristã manifesta-se em meio à cotidianidade da existência humana. Não é propriamente um elemento teofânico que desvela o desejo do seguimento concreto e real à pessoa e ao projeto de Jesus Cristo. Antes, porém, assim como a dinâmica vocacional, o desejo do seguimento a Jesus surge e se desvela no ambiente natural, no convívio pessoal. Aliás, quando o seguimento a Jesus Cristo se manifesta a partir de fatos “aleluiados”, ou seja, fora da realidade ou desconexos dos dramas existenciais, corre-se o risco de não possuir raízes profundas e acabar eliminando a historicidade que nos constitui.

Diante desta premissa, procuramos refletir a partir do texto bíblico de Lc 5,1-11 como acontece o processo de Iniciação à Vida Cristã e como, por consequência, desabrocha a dinâmica vocacional dentro de um itinerário espiritual de tomada de consciência dos dramas pessoais, e do aprofundamento da Palavra de Deus. Para a sistematização deste trabalho, utilizamos o método de pesquisa bibliográfica, dividindo o texto em quatro sessões, reunindo e organizando reflexões produzidas anteriormente em outras áreas da teologia, como a espiritualidade e a práxis pastoral. Antes de trazer respostas e esquemas prontos diante do desafio que

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Bacharelado em Teologia na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas e Licenciado em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Vigário da Paróquia São Cristóvão de Passo Fundo.

<sup>3</sup> Mestre em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo e Diretor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades.

se constitui o processo de Iniciação à Vida Cristã e de descoberta da vocação humana fundamental, o presente texto procura apresentar de forma sistematizada aquilo que é, na verdade, um itinerário pessoal e processual diante do mistério da vocação humana.

## **1 A INICIAÇÃO CRISTÃ A PARTIR DA PERSPECTIVA BÍBLICA**

O texto bíblico segundo São Lucas, que narra o chamado dos quatro primeiros discípulos explicita esta dinâmica “natural” do processo de Iniciação à Vida Cristã. Conforme narrado na perícopre 5,1-11, Jesus estava na Galileia, logo no início do seu ministério público. Anteriormente, ele havia apresentado o seu programa de ação; o seu projeto de atuação ministerial (Lc 4,14-30) numa sinagoga de Nazaré. O programa de ação de Jesus havia causado uma revolta entre as autoridades, sendo que chegaram a levá-lo para o cimo de uma montanha para lançá-lo do precipício. Mas Jesus se esquivou e passou no meio deles (Lc 4,29).

Agora, começavam a se perceber os primeiros resultados do anúncio do seu programa de ação: estava se formando um grupo de pessoas que o seguiam para escutar o que ele tinha a dizer. Era um bom sinal: os pobres haviam se agradao da proposta que Jesus havia feito desde o seu anúncio na sinagoga de Nazaré. Rinaldo Fabris comenta que: “Os de Nazaré o recusaram, mas os de Cafarnaum queriam retê-lo para si, sequestrá-lo”<sup>4</sup>. Ou seja, os empobrecidos que viviam do pescado às margens do lago que havia em Cafarnaum viram uma centelha de esperança na proposta do nazareno. Pagola afirma que “aqueles pescadores não procuraram milagres, como os moradores de Nazaré. Querem ouvir a palavra de Deus. É disso que precisam”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

<sup>5</sup> José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 94.

## 2 A VOCAÇÃO É DESPERTADA NO AMBIENTE DE CADA CRISTÃO

Os primeiros versículos do trecho em questão (v.1-2) descrevem que Jesus subiu numa das barcas que estava ancorada na margem e de lá ensinou. Aqui temos inúmeros elementos importantes que constituem o cenário teológico do processo de Iniciação à Vida Cristã. Destacam-se dois. Primeiramente, constata-se o dado importante de que os pescadores estavam lavando as redes. “É a situação do povo que Jesus encontra: faminto da palavra libertadora; um povo que luta para sobreviver e nada mais tem a fazer senão lavar as redes, que estiveram vazias a noite toda”<sup>6</sup>. A proposta do chamado vocacional, que se liga diretamente com a iniciação cristã, acontece a partir dos dramas e das mazelas que tocam o mais íntimo das nossas comunidades, até mesmo quando a esperança está enfraquecida. Seguir Jesus Cristo não pode ser sinônimo de fuga da realidade que nos cerca, mas de mergulho nela com o olhar da fé.

Em segundo lugar, Jesus inseriu a Palavra de Deus na vida do povo. O que exatamente Jesus ensinou não sabemos, mas o certo é que ele não partiu de si próprio:

No começo ele anuncia a palavra de Deus ao povo que se amontoa à margem; é por causa da palavra de Jesus que Pedro lança as redes ao largo e é ainda por causa da sua palavra que ele deixa tudo e, com os companheiros, põe-se a segui-lo<sup>7</sup>.

Com certeza aqui está uma chave de leitura muito importante para toda a práxis evangelizadora: o anúncio e a palavra anunciada não devem partir do próprio agente de pastoral, mas deve ser a palavra de Deus que vai abrindo caminhos. “É o que se deve esperar sempre de um pregador cristão. Uma palavra dita com

---

<sup>6</sup> José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 594.

<sup>7</sup> Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

fé. Um ensinamento arraigado na palavra de Jesus [...]. Jesus põe o povo em comunicação com Deus”<sup>8</sup>.

Outro dado importante é que Jesus anunciou a boa-nova às margens do Lago de Genesaré. O lago era um lugar livre dos vícios e das ideologias da sinagoga. Se antes o programa de Jesus, embasado na palavra do profeta Isaías 61,1-2 havia incomodado os chefes do povo, que ocupavam a direção dos espaços públicos e religiosos, agora a realidade concreta do povo pobre acolhia a proposta de Jesus e vibrava com esperança. A barca remonta à imagem semiótica de um “novo lugar”, diferente da sinagoga que estava contaminada pela ideologia dos fariseus e dos seus escribas. Por isso mesmo é que o povo esperava uma palavra que provocasse a novidade, promotora de vida<sup>9</sup>.

Aqui entram em jogo pelo menos dois aspectos consideráveis para o processo de iniciação cristã. Precisamos com urgência abandonar certas práticas e formas de catequese que se mostram inoperantes diante da realidade complexa da iniciação cristã e que dão uma falsa segurança de que estamos no caminho certo segundo critérios equivocados especialmente no que diz respeito ao quantitativo. É preciso abrir espaços novos, caminhar e permanecer com o povo das diferentes periferias, onde estão aqueles sedentos pela Palavra, pelo *kerigma* libertador. Em segundo lugar, a iniciação deve ter a audácia de partir dos dramas concretos do povo, falar a partir da realidade sentida e experienciada. Jesus não elaborou uma teoria sobre a forma de pescar ou mesmo sobre os dramas econômicos que aquele povo enfrentava. Antes, ele partiu da situação concreta: não conseguiam pescar, porém é preciso pescar diferente.

---

<sup>8</sup> José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 94.

<sup>9</sup> José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 595.

### **3 JESUS TOMA PARTE DA REALIDADE DA VIDA**

O versículo três relata que o Mestre proferiu o seu ensinamento da barca de Simão. “Jesus assumiu a condição daqueles pescadores frustrados pelo insucesso da noite. Ele se afastou um pouco da margem não para se isolar das pessoas e de suas angústias, mas para vê-las todas de frente, para comunicá-lhes a palavra que irá trazer-lhes a novidade da vida”<sup>10</sup>. Vários elementos entram em cena aqui. Primeiramente, Jesus sentou-se. Esta era uma atitude de quem ensinava com autoridade. Entretanto, nesse processo de anúncio e de ensino que Jesus fez, o que ele poderia ter ensinado àquele povo pobre e necessitado do essencial para a sua vida?

Possivelmente, o ensino de Jesus deve ter se concentrado na necessidade de mudar de métodos, reinventar caminhos: “faze-te ao largo, lançai vossas redes para a pesca. Simão respondeu: Mestre, trabalhamos a noite toda sem nada apanhar, mas porque mandas, lançarei as redes” (Lc 5,4). Muitas vezes, a proposta de Jesus parece ser ilógica, irracional e até mesmo desfocada da realidade.

Pois de qual realidade partimos exatamente? Se tivermos como ponto de partida a realidade e a estrutura social que nos cerca estaremos sempre desfocados e deslocados da vida do povo. O processo de Iniciação à Vida Cristã prevê a redescoberta de caminhos, a construção de meios alternativos. A partir de que bases Jesus ordena a pesca durante o dia? Seria ele pescador para compreender as melhores condições de trabalho? E quanto mais Simão, um experiente pescador, sempre dado às ordens com seus sócios, agora estava sendo comandado e desafiado por quem nunca antes havia pescado, ou pelo menos não era profissional.

Mesmo chateado e resmungando Simão obedeceu à ordem de Jesus e o resultado desta aposta no novo método de trabalho foi

---

<sup>10</sup> José BORTOLINI, *Roteiros homiléticos*, p. 595.

tão surpreendente que aquilo que foi apanhado não coube na barca. É neste espaço de tempo e de circunstância que Simão Pedro exclamou, atirando-se aos pés: “afasta-te de mim, Senhor, porque sou pecador” (Lc 5,8). Que mudança incrível! Quem antes não se permitia questionar nem mesmo os métodos e as estratégias de trabalho, agora se reconhece como pecador, inexperiente e incompleto. Por outro lado, a reação de Jesus é surpreendente e desconcertante: “Ele não se assusta em ter em sua companhia um discípulo pecador. Pelo contrário, se Pedro se sente pecador, poderá compreender melhor a sua mensagem de perdão e sua acolhida a pecadores e indesejáveis”<sup>11</sup>.

Percebe-se esta mesma dinâmica, muitas vezes, no ambiente pastoral, quando se diz ou se pensa: *estamos cansados, as coisas não estão dando certo, não conseguimos resultados animadores... então, porque repetir essas mesmas ações?* Não faltaria aqui, por acaso, aquela “atenção” maior como Jesus nos pede? A ousadia de aceitar seu chamado e o desafio lançado com sua palavra? Antes disso, o olhar para a prática até então desenvolvida com o olhar de Jesus, que permite perceber aquilo que é equívoco. É um processo duro e que gera insegurança, mas necessário.

Trata-se de um itinerário de conversão e de descoberta da própria vocação, do próprio sentido da vida. Quando surge o espaço da fragilidade humana é que desabrocha o chamado vocacional. Não há como desvincular a questão do chamado vocacional do processo de iniciação cristã. Ambas são vocações e, ao mesmo tempo, ambas o próprio itinerário de seguimento. Mas só quem consegue se reconhecer pecador e necessitado é que se encontra apto para o seguimento. Lembra-se também que a iniciação cristã parte do reconhecimento de Jesus e a decisão de segui-lo. São dois momentos conectados com a primazia da experiência de conhecer Jesus. Uma das grandes limitações dos

---

<sup>11</sup> José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 95.

processos de catequese é a apresentação de Jesus aos catecúmenos de uma forma que não gera a intimidade com ele, o que dificulta a decisão de segui-lo.

Em segundo lugar, Pedro iniciou o seu discurso referindo-se a Jesus como “Senhor”. Este era o título que as comunidades cristãs primitivas deram a Jesus ressuscitado. Este mesmo título, em grego é *kyrios* e em latim *domminus*, título atribuído ao imperador romano. Em outras palavras, a partir do reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo é que tem início o processo de seguimento. A confissão pública de Simão Pedro evidencia o senhorio de Jesus, que preside o mundo e a história.

#### **4 NÃO TENHAM MEDO, DE AGORA EM DIANTE VOCÊS SERÃO PESCADORES DE HOMENS**

O Papa Bento XVI em seu livro *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo*, nos lembra como Lucas em seu evangelho nos oferece um relato mais elaborado do chamado dos apóstolos, que marca os primeiros passos do ministério de Jesus:

Nele ilustra o caminho da fé dos primeiros discípulos, mostrando que o convite para o seguir chega a eles depois de escutarem a primeira pregação de Jesus e experimentarem as primeiras manifestações prodigiosas realizadas por ele. Em particular a pesca milagrosa constitui o precedente imediato e oferece o símbolo da missão dos pescadores de homens que a eles é confiada. O destino destes “chamados” estará, de agora em diante, intimamente ligado ao destino de Jesus. O apóstolo é um enviado, mas, sobretudo, um profundo conhecedor de Jesus<sup>12</sup>.

Ser pescador de homens (v.10) era uma novidade espantosa e, ao mesmo tempo, emblemática para o grupo que estava se formando. Primeiramente, o mar, na compreensão judaica, era a morada do mal, das forças perversas. Logo, o ato de pescar homens tem um caráter missiológico diretamente

---

<sup>12</sup> BENTO XVI - Joseph Ratzinger, *Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo*, p. 93



relacionado. Rinaldo Fabris comenta que: “Lucas, diferente de Marcos, usou um vocábulo grego muito presente no AT, que significa: ‘pegar vivos; ou pegar para a vida. Quer dar a entender que Pedro terá a tarefa de capturar os homens para a vida’”<sup>13</sup>.

Esta nova vocação que Pedro e os seus sócios estavam descobrindo ia se desvelando com um caráter libertador. Eles estavam recebendo a missão de continuar a obra libertadora de Jesus em favor do homem. A sua missão estava se desvelando: lutar contra todo o tipo de mal e de opressão que tira a vida, o sustento e a dignidade das pessoas.

Em outras palavras, o processo de iniciação cristã é carregado de um compromisso intrínseco, que visa a libertação e a salvação do homem da opressão, que deixa o homem morrer afogado no mar do acúmulo, do egoísmo, da miséria e da fome. São os demônios que vão perfazendo o dia-a-dia e as adversidades da vida que precisam ser destruídos. Esta destruição e libertação das forças opressoras se dá, essencialmente pelo anúncio do Reino de Deus, que tem como cerne o reconhecimento do senhorio do Deus Encarnado, que age na história.

Em síntese, a missão do seguidor de Jesus Cristo parece se resumir nos últimos aspectos trabalhados acima: reconhecer-se pecador e limitado; pescar homens para a vida, promovendo a libertação. Quando Pedro enfim confessou a sua limitação e pobreza fez-se espaço para o reconhecimento do senhorio de Jesus e da sua grandeza libertadora. Pagola reflete que existem essencialmente dois modos de viver a culpa e a pequenez. Um modo é se resignando constantemente e carregando um fardo aterrador, pesado e que produz um medo paralisante. Outra forma de viver a culpa é reconhecê-la e integrá-la dentro de um itinerário de crescimento espiritual. Pedro fez este caminho:

De acordo com o relato bíblico, Pedro, acabrunhado por sua indignidade, se lança aos pés de Jesus dizendo: ‘Senhor, afasta-te

---

<sup>13</sup> Rinaldo FABRIS. Bruno MAGGIONI, *Os evangelhos (II)*, p. 63.

de mim, por que sou um pecador'. A resposta de Jesus não podia ser outra: 'Não temas, não tenhas medo de ser pecador e de estar perto de mim. Esta é a sorte do crente: sabe-se pecador, mas sabe-se ao mesmo tempo aceito, compreendido e amado incondicionalmente por este Deus revelado em Jesus'<sup>14</sup>.

No processo de Iniciação à Vida Cristã mostra-se latente a necessidade de trabalhar com as fragilidades humanas, auxiliando o povo a perceber a necessidade da confiança na graça de Deus. É missão da Igreja e de seus agentes ajudar o povo para que tais fragilidades não sejam motivo para um afastamento, para a exclusão religiosa. Um segundo ponto é com relação à missão de ser pescador de homens. Resgatar quem se perdeu nos descaminhos do mar bravio e está em situação de afogamento iminente diante dos projetos opressores e excludentes.

Na iniciação cristã, podemos considerar a vocação de Pedro como “pescador de homens”, equivalente à responsabilidade dos agentes de pastoral quando dizem seu sim, para também trabalhar pelo Reino do Senhor e ir em busca de mais seguidores. Podemos, todavia, por esta reação de entrega e de confiança de Pedro, analisar a vocação pela ótica do iniciado na fé, que como Pedro é portador de uma fé que é sujeita à fraqueza, mas que assim como Pedro, pode superar as provas e abrir-se a uma confiança plena naquele que o encantou com seu chamado: Jesus. Nossa vocação, assim como nossa fé, necessita ser renovada a cada dia, pois se trata de um caminho de sofrimento e de amor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dinâmica da Iniciação à Vida Cristã perfaz um itinerário que exige uma aposta e um cultivo grande da dimensão espiritual. Aliás, quem se decide por ser cristão e assume as reais consequências desta opção, vislumbra um caminho quase que obrigatório diante de si, que é a espiritualidade do seguimento a

---

<sup>14</sup> José Antonio PAGOLA, *O caminho aberto por Jesus*, p. 99.

Jesus Cristo. Esta espiritualidade se concretiza na gradualidade da maturação do chamado cristão.

Conforme destacado, Pedro percorreu um caminho espiritual no seguimento a Jesus Cristo, muito embora os evangelhos não informem isso explicitamente e nem mesmo durante a redação deste trabalho, exceto agora, buscou-se evidenciar o caminho espiritual que Pedro seguiu. Entretanto, é uma estrada nítida e evidente, íngreme, por sinal, mas comprometedora e frutífera.

Primeiramente, assim como as demais pessoas que estavam às margens do lago, Pedro deve ter se lamentado pelo insucesso da pesca noturna. Aliás, todo aquele povo deveria estar preocupado, pois a pesca não era um simples *hobby*, pelo contrário era a forma como eles ganhavam a vida e sobreviviam. Portanto, aquelas pessoas estavam chorando a triste realidade da falta de alimento.

Em segundo lugar, percebeu-se a ação de Jesus, que se aproximou do choro e das lágrimas de preocupação pela falta de alimento; Jesus tomou partido da dor e da aflição. Em seguida, foi a vez de falar da Palavra de Deus, de ensinar e anunciar, sentado numa das barcas, ou seja, completamente inserido na vida e nos dramas do povo. De tão inserido que Jesus estava na vida do povo ele revelou um novo jeito de pescar.

A nova maneira frutuosa de pescar surtiu efeito imediato e fez com que o experiente pescador reconhecesse que era preciso mudar não apenas de método de trabalho, mas de estilo de vida. Esta tomada de consciência de Pedro foi relatada por Lucas em poucas linhas, mas se aproximando um pouco da área da psicologia e da espiritualidade podemos deduzir que deve ter sido um processo demorado e dolorido, talvez muito semelhante aquele experimentado por São Paulo, quando da sua conversão.

O resultado deste processo de tomada de consciência foi um compromisso comunitário. Pedro não quis e não conseguiu guardar para si a beleza do chamado e da conversão: tornou-se um

libertador de consciências, um pescador de homens para a vida. Aliás, ninguém melhor do que um vocacionado e iniciado na vida cristã, alguém que já fez o caminho de conversão, para compreender os dramas dos irmãos e irmãs que sofrem e ajuda-los neste itinerário que pode ser resumido na fórmula: *iniciação cristã + caminho de conversão + vida vocacional = itinerário de seguimento a Jesus Cristo.*

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTO XVI - Joseph Ratzinger. Os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo. São Paulo: Planeta, 2010.

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. ed. rev. e amp. 7. Imp. Tradução “École Biblique de Jérusalem”. São Paulo: Paulus, 2002.

BORTOLINI, José. *Roteiros homiléticos: anos A, B, C, festas e solenidades.* São Paulo: Paulus, 2006.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* Brasília/São Paulo : Edições CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14).* Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* Brasília: Edições CNBB, 2015 (Documentos da CNBB, 102).

\_\_\_\_\_. *Iniciação à Vida Cristã: Um processo de inspiração catecumenal.* 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos de estudo da CNBB, 97).

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal.* 3ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II : *Constituições, decretos, declarações.* 20ª ed., Petrópolis: Vozes, 1989.

FABRIS, Rinaldo. MAGGIONI, Bruno. *Os evangelhos (II).* São Paulo: Loyola, 1998.

PAGOLA José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas.* Petrópolis: Vozes, 2012.



# UM HOMEM RICO QUE SE TORNA IRMÃO: A CONVERSÃO COMO PROCESSO CATECUMENAL

*Dr. Leo Zeno Konzen<sup>1</sup>*  
*Pe. Joule Windson Cunha Santos<sup>2</sup>*  
*Pe. Tiago André Guimarães<sup>3</sup>*

## INTRODUÇÃO

Diante das profundas transformações socioculturais e religiosas das últimas décadas, a busca por uma Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal pretende ser um caminho de evangelização. A preocupação primeira dessa proposta é de proporcionar, de forma qualificada e processual, a vivência da fé a partir da inserção comunitária. A construção de um método para o processo de inserção à vida eclesial tem como grande objetivo disponibilizar aos catecúmenos o encontro com a pessoa de Jesus Cristo e seu projeto. A mística desse método ocorre a partir do caminho de integração e de amadurecimento da fé através do discipulado e da iniciativa missionária da própria comunidade.

O processo de Iniciação à Vida Cristã se insere nesta mística de profundo encontro com a pessoa de Jesus dentro da vida de fé da Igreja. A busca pelo seguimento a Jesus exige o propósito pessoal de conversão, como verdadeira inserção no discipulado e no projeto do Reino de Deus. O Evangelista Lucas demonstra, de forma expressiva, que o processo de encontro com Jesus, que Zaqueu viveu, levou-o a uma transformação radical de vida.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia, professor do Instituto Missionário de Teologia (IMT) e da Área de Ciências Humanas da URI, Campus de Santo Ângelo.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela faculdade Dehoniana de Taubaté/SP, Especialista em Espiritualidade pela Faculdade de Teologia Ciências Humanas - Itepa Faculdades.

<sup>3</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Ciências Humanas - Itepa Faculdades.

Zaqueu abriu-se para um projeto novo, integrando no gesto da partilha a construção de um novo jeito de ser.

No presente texto, apresentamos os passos do Itinerário Catecumenal através da experiência de Zaqueu com Jesus, em que Lucas vai sinalizando o processo de conversão e de mudança de vida como aspecto chave para o início da opção catecumenal. O primeiro passo é o drama que se vê em relação à riqueza e o apego aos bens por parte de Zaqueu; o segundo é o primeiro anúncio, chamado de Querigma; o terceiro passo da conversão é o gesto da partilha como restituição da justiça e a restauração da pessoa; e, por último, a salvação que se dá pelo processo de conversão.

## **1 O HOMEM RICO QUE PROCURAVA VER – O DRAMA DA RIQUEZA AO PRIMEIRO ANÚNCIO**

O Evangelho de Lucas narra que o chefe dos publicanos de Jericó “procurava ver quem era Jesus” (Lc 19,3a). Esse homem, chamado Zaqueu, era considerado por seu povo um pecador, pois sua profissão representava a submissão de Israel ao Império Romano. Por ser chefe dos publicanos e rico, a perícopes nos leva a perceber que Zaqueu se aproveitava do sistema de cobrança para garantir uma vida opulenta. Lucas, ao falar sobre os coletores de impostos, deixa expressa a opinião popular sobre ele: “Vendo isto, todos murmuravam” (Lc 19,7).

A realidade da riqueza, expressa no Evangelho segundo Lucas, expressa a postura da exploração e, conseqüentemente da submissão dos oprimidos (Lc 6,24-26). O Evangelista demonstra que a vida baseada na riqueza corresponde à aceitação dos privilégios que o sistema de dominação dos romanos permitia para alguns. Zaqueu se torna símbolo da submissão ao Império Romano, que exercia uma economia de troca com as lideranças dominadas. Em torno dos privilégios da vida romana, o Império firmava o seu poder. Com isso, podemos perceber que o símbolo da riqueza tem a ver com a submissão a um projeto de vida contrário à lógica do

Reino de Deus: “Como é difícil aos que têm riqueza entrar no Reino de Deus!” (Lc 18,24).

O drama da riqueza, neste caso, parte da economia de exploração e submissão, influenciando de forma direta o sistema econômico que cria um abismo entre poucos ricos e muitos pobres (Lc 16,13). Halvor Moxnes<sup>4</sup>, ao falar dos fariseus, chamados por Lucas de “amigos do dinheiro” (Lc 16,14), expressa que a divisão relacional ocorria também nas dimensões religiosas e sociais. O pecador era todo aquele que não correspondia a um status social, que era subjugado pela sua condição de vida e por suas posturas. No caso de Zaqueu, sua condição de pecador se dá por ser considerado um traidor do seu povo. Por adquirir riqueza a partir do sistema de exploração, na qual fazia parte, Zaqueu aqui pode também ser chamado de ladrão do seu próprio povo.

Em Lucas 19,1-10, Jesus está a caminho de Jerusalém, ponto ápice de sua missão com a morte e a ressurreição. Durante a caminhada, Jesus entrava nas aldeias/povoados e cidades, anunciando o projeto do Reino de Deus. Sua fama se espalhava por todas as regiões. Muitas pessoas se aproximavam, principalmente em busca de sentido para a vida ou simplesmente pela curiosidade e até por interesse egoístas, pois queriam ver e saber quem era Jesus. Zaqueu, possivelmente provocado pela curiosidade, também desejava ver esse Jesus de Nazaré que as pessoas comentavam.

A forma de vida de Jesus e suas palavras marcavam as pessoas que cruzavam o seu caminho. A pessoa de Jesus de Nazaré era revestida de uma autoridade que despertava a curiosidade e a diversidade de opiniões sobre Ele (Lc 19,36-38). Seguindo a perspectiva catecumenal, podemos dizer que é o tempo de descoberta da pessoa de Jesus. A curiosidade se torna um primeiro passo para conhecer mais a fundo esse Jesus de quem tanto falam.

---

<sup>4</sup> Halvor MOXNES, *A economia do Reino: conflitos social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*



No processo de Iniciação à Vida Cristã, o testemunho da comunidade eclesial tem uma importância muito grande, pois desperta a curiosidade de outras pessoas no intuito de conhecerem Jesus e abraçarem a fé. Reinert, ao expressar os passos do processo de Iniciação à Vida Cristã, chama essa “fase” de simpatização com o testemunho dos iniciados<sup>5</sup>. O despertar pela pessoa de Jesus se reflete no desejo de conhecê-Lo.

Lucas descreve que Zaqueu obteve esse desejo de ver Jesus, de conhecê-Lo. Quando Zaqueu soube que Jesus passaria pela cidade de Jericó, tomou a iniciativa e procurou encontrar-se com ele. Zaqueu fez tudo o que pode para ver Jesus. Sendo de estatura baixa e, devido ao grande número de pessoas que seguia Jesus, ele precisou “subir” numa árvore. O desejo gera busca, desinstala, provoca o sair da rotina. Zaqueu não se importava com o que as pessoas falariam, ou se Jesus o repreenderia pelo que ele era e fazia. Não mediu as consequências, simplesmente quis ver Jesus.

Subir na árvore requer esforço. É algo que não estava acostumado a fazer. Mas ele fez em nome de algo maior, ver Jesus. Na vida espiritual não é diferente. Quem deseja entrar neste caminho e nele progredir, ‘ver’ Jesus e com Ele caminhar, terá uma longa subida a realizar. Esta subida requer renúncia da vontade própria, dos prazeres, da acomodação, enfim, do ter, poder e prazer.

Zaqueu pode ser visto como exemplo de pessoa que procura ir ao encontro do Mestre como discípulo. Ele é apresentado como alguém de baixa estatura, mas rico, pois era chefe dos cobradores de impostos. Por ser rico, certamente que, em sua profissão, Zaqueu exercia a prática da corrupção. Por isso, sua vida era marcada pela exclusão do seio comunitário. Assim, por causa do abuso do poder e da riqueza indevida, Zaqueu perdera a dignidade de membro do povo judeu.

---

<sup>5</sup> João Fernandes REINERT, *Paróquia e Iniciação Cristã: A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*, p. 76-77.

## **2 O QUERIGMA E O DESEJO DE CONHECER JESUS**

Zaqueu “procurava ver quem era Jesus” (Lc 19,3). Neste desejo de ver Jesus, encontra-se o anseio de conhecer sua proposta. Para poder conhecê-la, “subiu numa árvore” (Lc 19,4), o que quer dizer que procurava todas alternativas para conhecê-Lo. Ao passar pela árvore onde Zaqueu se encontrava, Jesus lhe disse: “Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa” (Lc 19,5). Acolher essa palavra de Jesus requer espírito de abertura e de mudança de vida. Zaqueu ouviu a ordem de Jesus e desceu da árvore, isto é, passou a viver a partir da proposta de Jesus. Ele fez outro caminho. Havia subido na árvore para ver Jesus, mas foi convidado a descer da árvore para receber Jesus na sua casa.

O olhar e o convite de Jesus a Zaqueu fazem brotar nele a verdadeira alegria (Lc 19,6), como consequência direta do encontro com Jesus. Esta alegria não nasceu simplesmente da procura, mas porque Jesus respondeu ao anseio e à busca de Zaqueu.

Dentro do processo de Iniciação à Vida Cristã, o Querigma é o ponto central do catecumenato. O anúncio se configura na experiência concreta com a pessoa de Jesus. É o processo de inserção na fé da comunidade, enquanto discípula do projeto de Jesus de Nazaré. Esse anúncio se conforma no conhecimento de fé e de vida do projeto de Jesus. O catecúmeno é acolhido com alegria e é inserido na dinâmica do projeto de vida do Reino de Deus. É o processo de deixar Jesus entrar na nossa casa e na nossa vida.

[...] o anúncio querigmático assume características de reaproximação, reencantamento, redescoberta de Jesus Cristo e da comunidade eclesial. Com razão afirma Borobio: “A evangelização é uma evangelização de ponto de partida, que toca e mobiliza a pessoa inteira, no processo de busca, por aquilo que dá sentido à vida... Sem esse Querigma evangelizador no qual se começa a crer, não se pode construir o edifício cristão”.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> João Fernandes REINERT, *Paróquia e Iniciação Cristã: A interdependência*

A experiência querigmática emerge da própria experiência de fé que a comunidade vive e que tem por base o encontro pessoal com Jesus. É momento também da ação da Graça de Deus que move esse encontro. Pelo anúncio do Querigma, o iniciado experimenta a profundidade do projeto de Jesus vivenciando a necessidade de uma adesão radical a ele.

O relato que descreve o encontro de Jesus com Zaqueu, “um pecador”, despertou descontentamento de algumas pessoas. “À vista do acontecimento, todos murmuravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’” (Lc 19,7). Neste trecho do Evangelho, percebemos um dos grandes perigos no processo de inserção de uma pessoa na vida comunitária. O julgamento e as fofocas se tornam a pedra de tropeço para o processo de evangelização. O carisma missionário da comunidade deve partir do gesto integrador, que observa na ação da Graça de Deus a chance de conversão para todas as pessoas. Uma comunidade amadurecida na fé parte da experiência da misericórdia de Deus que acolhe e transforma todo pecador. Por isso que as murmurações internas da própria comunidade, além de serem um anti-testemunho, podem impedir o processo de opção à pessoa de Jesus e a seu projeto, muito mais do que as murmurações que surgem fora da experiência comunitária.

O Querigma se torna a experiência impulsionadora do processo de Iniciação, pois experimenta pela fé a dinamicidade e a profundidade que a opção pelo seguimento a Jesus Cristo exige. A comunidade, como anunciadora, abraça sua missão de missionariedade, além de ser discípula, também anuncia esse encontro transformador que nos leva a optar pela transformação de vida. Como afirmou o Papa Paulo VI: “tocados pela graça, descubrem pouco a pouco a figura de Cristo e sentem a necessidade de entregar-se a ele”<sup>7</sup>. Neste processo de integração com a fé da

---

*entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*, p,78-79.

<sup>7</sup> Papa Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 44.

comunidade eclesial e do encontro pessoal com Jesus, emerge o passo da inserção à vida comunitária, que chamamos de conversão.

### **3 A PARTILHA: PROCESSO DE CONVERSÃO E RESTITUIÇÃO DA JUSTIÇA**

A experiência da partilha vivida por Zaqueu se tornou gesto de profunda conversão, resposta do encontro pessoal com Jesus de Nazaré. É um salto de superação de si mesmo, que emerge de uma radical mudança de vida. A conversão se torna sinal da busca de reconciliação com as relações desestruturadas. Por isso, Zaqueu declarou: “Senhor, eis que dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo” (Lc 19,8). Esta afirmação está em sintonia com a chamada de atenção de João Batista se referindo aos publicanos: “Não deveis exigir nada além do que foi prescrito” (Lc 3,13). Em Lucas, o ato de restituir e partilhar os bens se torna o sinal de uma mudança radical, base para a construção de uma nova sociedade. Como afirma Halvor Moxnes:

No Evangelho segundo Lucas, dar esmolas tem importância estrutural, e serve como símbolo da sua visão de uma nova sociedade. [...]. Dar aos pobres significaria redistribuir, devolver aquilo que fora tirado. Em termos de interação social, significaria estabelecer uma relação positiva.<sup>8</sup>

No Evangelho, restabelecer aos pobres aquilo que lhes foi tirado, além de ser um gesto de profunda caridade, configura a prática da justiça. Zaqueu mudou de projeto, de estilo de vida e passou a viver novas relações. A partilha é o gesto em que Zaqueu configura a opção pela instauração da justiça econômica e social. O encontro com a pessoa de Jesus exerceu uma conversão estrutural e profunda na pessoa de Zaqueu, que mexeu com sua forma de ser e de ver as relações à sua volta. A ação transformadora da graça nos

---

<sup>8</sup> Halvor MOXNES, *A economia do Reino: conflitos sociais e relações econômicas no Evangelho de Lucas*, p. 115-116.

leva a realizar uma opção radical em vista de novas relações que se obtêm por referência à pessoa de Jesus. O testemunho de Zaqueu se torna a antítese do homem de posição descrita em Lucas 18,18-27.

A comunidade se torna a grande motivadora que ajuda as pessoas a amadurecerem sua opção por uma profunda conversão de vida. A radicalidade dessa mudança adere ao restabelecimento de relações justas, em que a caridade se torna o conceito base para a transformação pessoal e comunitária. A conversão leva o iniciado à vida cristã a dar o passo para a conscientização da sua vocação e a abraçar sua condição de discípulo junto à comunidade cristã. O amadurecimento da fé segue a lógica da conscientização da ação salvadora da Graça de Deus.

#### **4 “A SALVAÇÃO ENTROU NESTA CASA”**

O relato conclui a história de Zaqueu falando sobre a salvação: “Hoje a salvação entrou nesta casa” (Lc 19,9a). O interessante nesta perícopes é que ela apresenta a frase no presente. O “hoje” demonstra que o processo de conversão e de opção pelo seguimento à pessoa de Jesus é uma dinâmica sempre atual. O mistério da salvação acontece em cada passo que realizamos no processo de Iniciação à Vida Cristã. O desafio que integra todo iniciado e iniciada é a perseverança junto à certeza de sermos filhos e filhas do amor de Deus (Lc 8,15).

A integração à comunidade cristã ocorre no amadurecimento constante da fé, no permitir-se transformar pelo encontro com a pessoa de Jesus. Para isso, a presença junto à comunidade impulsiona a vivermos num processo de constante discipulado e de missionariedade.

O processo de Iniciação à Vida Cristã é um caminho que ajuda a despertar uma profunda experiência com o projeto salvador de Deus para toda a criação. Como Zaqueu, é preciso caminhar e permitir que a salvação entre em nossa casa e permaneça, como presença viva da nossa conversão humana. A ação salvadora de

Jesus na vida de Zaqueu o levou a libertar-se da proposta do poder de exploração e de dominação, saindo de si mesmo e assumindo um projeto de irmandade.

Zaqueu é chamado de “filho de Abraão” (Lc 19,9), por realizar como gesto profundo de conversão a restituição da justiça. Por essa abertura de vida, Jesus restitui a dignidade de Zaqueu como filho de Israel. Assim Zaqueu, que era chefe dos publicanos e ladrão do seu povo, abraça novamente a dignidade de irmão. Esse irmão do seu povo, que não pensou apenas em si, mas naqueles que feriu e explorou, agora abraça a salvação que emerge da restituição da justiça. Zaqueu acolheu na sua casa a opção de uma nova mentalidade e de uma nova sociedade.

O processo de inspiração catecumenal aponta a necessidade de assumirmos como verdadeira comunidade de irmãos e irmãs a promessa da salvação todos os dias. Na edificação de uma nova mentalidade eclesial, emerge a experiência concreta do amor, capaz de transformar todas as nossas relações, nas dimensões econômica, social, política, ecológica, etc. O caminho catecumenal, enquanto método, faz ver que o discipulado é a conscientização da fé e da missão de edificar um mundo de irmãos e irmãs.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através do caminho percorrido por Zaqueu, apresentamos, de forma sintética, as fases do processo de Iniciação à Vida Cristã. Zaqueu é um personagem que vivenciou as etapas da curiosidade pela pessoa de Jesus, realizando a opção por uma nova mentalidade e por uma postura de vida. O encontro com Jesus de Nazaré o levou a uma profunda conversão que o desinstalou e o levou a abraçar a causa de uma sociedade de irmãos.

O dilema da sua riqueza o identificava como um traidor do seu povo, um pecador, sem nenhuma dignidade. Mas a curiosidade pela pessoa de Jesus o levou a sair de si e ir ao encontro do Mestre.

O encontro com Jesus se tornou o ápice do anúncio do Reino de Deus. É pela experiência de fé que Zaqueu representa todo iniciado que deseja amadurecer a sua fé a partir de uma concreta mudança de projeto de vida. A conversão levou Zaqueu a realizar uma opção concreta pela restituição de relações justas.

A metodologia catecumenal é um caminho para a realização de um encontro profundo com a pessoa de Jesus e o seu projeto. A Iniciação à Vida Cristã apresenta, como preocupação, a integração de pessoas que realizem uma experiência de fé de forma concreta e que se apresentem dispostas a realizar uma conversão radical na sua vida em vista do Reino de Deus. O encontro com a pessoa de Jesus que se edifica na vivência comunitária desperta a opção pessoal pela causa de uma nova sociedade justa e fraterna, na qual a partilha seja a experiência concreta entre irmãos e irmãs.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BÍBLIA, português, *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Ed. Paulus, São Paulo, 2000.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulinas/Paulus, 2007.

CNBB. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: Sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14)*. Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos da CNBB, 105).

\_\_\_\_\_. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2015 (Documentos da CNBB, 102).

\_\_\_\_\_. *Iniciação à Vida Cristã: Um processo de inspiração catecumenal*. 2. ed., Brasília: Edições CNBB, 2016 (Documentos de Estudo da CNBB, 97).

\_\_\_\_\_. *Uma Igreja que acredita*. São Paulo: Paulinas, 2000.

COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO CATEQUÉTICA. **Itinerário catequético: Iniciação à Vida Cristã – um processo de inspiração catecumenal**. 3. ed., Brasília: Edições CNBB, 2016.

COMPÊNDIO DO VATICANO II

STORNIOLO, Ivo. *Como ler o Evangelho de Lucas: os pobres constroem a nova história*. São Paulo: Paulus, 1990.

MOXNES, Halvor. *A economia do Reino: conflitos social e relações econômicas no Evangelho de Lucas*. Trad. Thereza Cristina F. Stummer. São Paulo: Paulus, 1995.

PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAPA PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangeliiinu-nntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangeliiinu-nntiandi.html).

REINERT, João Fernandes. *Paróquia e Iniciação Cristã: A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2015.